UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

DAYARA MORAIS FARIAS
GABRIEL AUGUSTO BARBOSA LAGE
MATHEUS AUGUSTO DOS REIS RODRIGUES

PÚRPURA:
Jornalismo em revista sobre corpos divergentes e protagonismos LGBTQIA+

Mariana
2021

DAYARA MORAIS FARIAS
GABRIEL AUGUSTO BARBOSA LAGE
MATHEUS AUGUSTO DOS REIS RODRIGUES

PÚRPURA:
Jornalismo em revista sobre corpos divergentes e protagonismos LGBTQIA+

Memorial de produto apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para apresentação do Trabalho de Conclusão do Curso.

Orientadora: Profª Drª Michele da Silva Tavares

Mariana
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R696p Rodrigues, Matheus Augusto Dos Reis .
Púrpura [manuscrito]: jornalismo em revista sobre corpos divergentes e protagonismos LGBTQIA+. / Matheus Augusto Dos Reis Rodrigues. Dayara Morais Farias. Gabriel Augusto Barbosa Lage. - 2021.
69 f.: il.: color., gráf., tab.. + SIM.

Orientadora: Profa. Dra. Michele da Silva Tavares.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Gênero. 2. Governo representativo e representação. 3. Identidade. 4. Minorias sexuais. 5. Performances. 6. Revista. 7. Sexo. I. Farias, Dayara Morais. II. Lage, Gabriel Augusto Barbosa. III. Tavares, Michele da Silva. IV. Universidade Federal de Ouro Preto. V. Título.

CDU 612.6.057

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSA/UFOP-CRB6a 1407

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dayara Morais Farias

Gabriel Augusto Barbosa Lage

Matheus Augusto dos Reis Rodrigues

Púrpura: Jornalismo em revista sobre corpos divergentes e protagonismos LGBTQIA+

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 26 de abril de 2021.

Membros da banca

Dra. Michele da Silva Tavares - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Evandro José Medeiros Laia (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (Universidade Federal de Ouro Preto)

Michele da Silva Tavares, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 10/06/2021.

Documento assinado eletronicamente por **Michele da Silva Tavares**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/06/2021, às 12:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0180631** e o código CRC **5D58DC0D**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.005728/2021-58 SEI nº 0180631

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Somos gratos, primeiramente, ao destino que entrelaçou nossos caminhos em 2016.

Às nossas famílias, que durante os anos que compõem esta jornada foram nosso alicerce, motivação e fonte inesgotável de força.

Aos nossos amigos, seja de longa data ou adquiridos durante a graduação, por toda a parceria e cumplicidade.

Às professoras e professores que durante os últimos anos nos transmitiram com eficiência os maiores valores do que é ser jornalista.

À Universidade Federal de Ouro Preto por todas as oportunidades oferecidas que, mesmo em meio ao sucateamento e descaso constantes, proporcionaram as melhores experiências que poderíamos ter, e à turma de Jornalismo 16.2 por ter sido muitas vezes o impulso para que continuássemos caminhando, tornando possível a vivência genuína de companheirismo, união e trabalho em equipe.

Às repúblicas Gomorra, Kaxeta, O Cortiço e Valhalla por terem sido nossos lares longe de casa.

À cidade de Mariana, lugar que nos acolheu, cuidou e possibilitou os melhores momentos da nossa trajetória até aqui.

Ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas e todos os seus funcionários por cada saudação, cada porta aberta, cada refeição servida e cada momento de acolhida tão importantes para que a caminhada fosse menos árdua.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva que possibilitou, através do REUNI, que pudéssemos ter acesso à educação gratuita e de qualidade.

À nossa orientadora, professora Michele, por todo suporte, paciência, empenho e, principalmente, por acreditar no nosso projeto desde sempre.

E, por fim, à nossa união. Cada encontro, cada conversa, cada “rock”, cada copo de cerveja. Somos gratos por todos os momentos que fizeram dessa amizade a força propulsora do nosso crescimento pessoal e profissional, possibilitando que a PÚRPURA surgisse como resposta a todos os nossos anseios, inquietações e desejos. A vida só faz sentido quando compartilhada com bondade, afeto e verdade, e poder dividir este momento único com pessoas tão importantes faz cada passo ser mais prazeroso. É apenas o começo do muito que há por vir!

RESUMO

A revista PÚRPURA se propõe, desde a sua concepção, a utilizar do próprio nome de referência como norteador do produto. As insatisfações que ocasionaram o protesto, posteriormente denominado Mão Púrpura, representam a inquietação do grupo diante da maneira como a comunidade ainda é retratada pela mídia nos dias de hoje. A PÚRPURA aborda as mais diversas subjetividades presentes nas vivências de pessoas LGBTQIA+ quanto à gêneros, sexualidades e performance. O intuito é utilizar o espaço da revista como forma de exploração das características que compõem estas subjetividades, abordando-as de maneira profunda e visualmente forte e utilizando suas páginas enquanto plataforma de acolhimento e representatividade.

Palavras-chave: representatividade; comunidade LGBTQIA+; gênero; sexualidade; performance.

ABSTRACT

PÚRPURA magazine aims, since its conception, to draw on its own name as the product's guiding. The dissatisfactions that caused the protest, later called "Mão Púrpura", represent the group's concern in face of the way the community is still portrayed by the mainstream media nowadays. PÚRPURA approaches the most different subjectivities present in LGBTQIA+ people's experiences in terms of genders, sexualities and performance. The purpose is to use the magazine's space as a kind of exploitation of the characteristics that shape these subjectivities, discussing them deeply and with a strong visual appeal, and using its pages as a shelter and representativeness platform.

Keywords: representativeness; LGBTQIA+ community; gender; sexuality, performance.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS **6**

1. INTRODUÇÃO **7**

2. JUSTIFICATIVA TEMÁTICA **10**

2.1. A Mão Púrpura: 50 anos depois **10**

2.2. O movimento Stonewall como referência editorial **13**

2.3. Eixos Temáticos **18**

2.4. O binarismo e os conceitos de subversão **18**

2.5. Ser LGBTQIA+ no Brasil **24**

3. JUSTIFICATIVA DE SUPORTE **26**

3.1. A pauta e abordagens da mídia sobre a comunidade LGBTQIA+ **26**

3.2. Jornalismo em revista como aposta para uma abordagem representativa e em profundidade **30**

4. PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO **36**

4.1. Projeto editorial **36**

4.1.1. Nome **36**

4.1.2. Princípios editoriais **36**

4.1.3. Linha editorial **37**

4.1.4. Missão, visão e valores **38**

4.1.5. Público **39**

4.1.6. Edição 0 **40**

4.1.7. Seções e plano de conteúdo **41**

4.1.8. Número de páginas **44**

4.2. Projeto gráfico **44**

4.2.1. Logotipo **44**

4.2.2. Paleta de cores **46**

4.2.3. Grid **49**

4.2.4. Tipografia **53**

4.2.5. Imagens **54**

5. PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA **61**

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS **65**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **66**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagens externas do prédio que sediava a redação do San Francisco Examiner em 1969 11

Figura 2 - Manifestante marcando prédios da cidade após as prisões no San Francisco Examiner 12

Figura 3 - Imagens da fachada do bar Stonewall Inn, e do confronto dos frequentadores com a polícia na noite de 28 de junho de 1969 13

Figura 4 - Imagens de Marsha P. Johnson, Sylvia Rivera e Stormé DeLarverie, pioneiras de Stonewall 14

Figura 5 - Imagens da capa da edição de número 10 do ChanacomChana e do episódio do Levante ao Ferro's Bar 16

Figura 6 - Ranking Mundial de Assassinatos de Pessoas Trans em 2020 23

Figura 7 - Logotipo da revista PÚRPURA 44

Figura 8 - Versão simplificada do logotipo da revista PÚRPURA 44

Figura 9 - Bandeira LGBTQIA+ 45

Figura 10 - Exemplificação do uso de fios à partir do espelho da revista PÚRPURA 49

Figura 11 - Exemplificação da aplicação de grid à partir do espelho da revista PÚRPURA 50

Figura 12 - Exemplificação da aplicação de grid modular e cor à partir do espelho da revista PÚRPURA 51

Figura 13 - Capa da edição 172 da TPM 54

Figura 14 - Aydian Dowling para a edição de novembro de 2015 da revista Men's Health 55

Figura 15 - Exemplificação do uso de fotografia e enquadramento à partir do espelho da revista PÚRPURA 56

Figura 16 - Exemplificação de infográficos à partir do espelho da revista PÚRPURA 59

Figura 17 - Exemplificação de infográficos à partir do espelho da revista PÚRPURA 59

1. INTRODUÇÃO

A concepção desta revista surge da necessidade de transformação das vivências da comunidade LGBTQIA+ em protagonismo e inspiração. O nome PÚRPURA faz referência ao movimento Mão Púrpura, ocorrido em 31 de Outubro de 1969. Neste dia, membros da *Gay Liberation Front e da Society for Individual Rights* organizaram uma marcha de protesto em resposta a uma série de artigos publicados pelo jornal diário norte-americano *San Francisco Examiner*. No ato, funcionários do jornal despejaram tinta roxa nos manifestantes, que em resposta utilizaram da substância para escrever palavras de ordem como *Gay Power* no edifício, além de estamparem prédios do centro da cidade com marcas de suas mãos na cor púrpura.

Nossas pesquisas reforçam todos os anseios que nos levaram a conceber a estrutura da revista. Estarmos imersos no país que mais mata pessoas LGBTQI+ no mundo[1] faz com que sintamos a necessidade constante de reafirmar as mais diversas formas de vida e performatividade. O masculino, o feminino, a homo/bi/pan/assexualidade, a teoria queer, a travestilidade, a cis e a transgeneridade, o movimento drag queen, a performance, o trânsito e a exploração do gênero são nossos principais objetos de pesquisa na construção dos conceitos que vão compor as páginas da PÚRPURA. Ao longo do produto, vamos expor as mais diferentes vivências, experiências, conquistas e traumas de pessoas imersas em todas as questões que constroem possibilidades subjetivas que vão muito além das concepções usuais do sexo, gênero e sexualidade.

A proposta de construção estrutural da revista se pauta na força que os movimentos LGBTQI+ adquiriram ao longo dos anos e ao redor do mundo. Nossa abordagem será, antes de tudo, visual, uma vez que as questões que nos levaram a conceber este produto são, justamente, a maneira distorcida, arcaica e patriarcal com que estas pessoas e suas vidas são expostas nos veículos midiáticos tradicionais. Os cuidados com a sua construção estão presentes, principalmente, na busca por dois pontos principais e, de certo modo, distintos: a

[1] Estudo do Grupo Gay da Bahia mostra que em 2017 foram registrados 445 homicídios motivados por homofobia, e a estatística do país é de 1 LGBTQIA+ morto a cada 19 horas. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/brasil-mais-mata-lgbts-1-cada-19-horas/. Acesso em 01 de dezembro de 2019, às 16h45.

identificação daquele lugar enquanto espaço representativo das pessoas que vivenciam as mesmas questões ali retratadas, e ao mesmo tempo a compreensão da necessidade de universalização destes espaços por meio daqueles que não possuem as mesmas vivências. Nosso intuito é estimular, ao mesmo tempo, sentimentos de identificação e estranheza, de encontro e diferença, de representação e consciência.

A imprensa, historicamente, invisibiliza ou mostra sobre prismas limitados aqueles/aquelas que não se enquadram nas normas de gênero e sexualidade socialmente definidos. Muitas vezes as nuances da sexualidade e do gênero atuam como delimitadores das vidas destas pessoas, sendo expostas como fatores negativos ou até de depreciação, mesmo que diante de fatos positivos.

O intuito com a construção da PÚRPURA é, justamente, explicitar que as características que compõem as mais distintas identidades de gênero e orientações sexuais não são delimitadores ou fatores depreciativos, mas pontos de força e sinais de virtudes adquiridas com as vivências. O conteúdo será constituído, basicamente, de quatro eixos principais: sexo, sexualidade, identidade e performance, dispostos em matérias que exploram distintas ferramentas visuais e comunicacionais, concebendo uma revista densa, visualmente forte, com conteúdo sensível e representativo.

Pretendemos mostrar com o produto final que todas estas características imersas nas mais distintas identidades de gênero e orientações sexuais não são limitadores de quem somos ou de até onde podemos ir, mas o impulso para o rompimento de barreiras e principal ponto da construção do eu genuíno.

Neste memorial, discutimos as motivações, referências e experiências que possibilitaram transformar a PÚRPURA no produto que idealizamos desde a concepção do seu projeto editorial. Trata-se de uma discussão acadêmica que atua como suporte e justificativa para cada uma das escolhas que compõem a estrutura da revista.

No capítulo Justificativa Temática, abordamos as principais referências históricas que nos levaram a conceber a PÚRPURA, como o Movimento Mão Púrpura, que originou o nome da revista, a Revolta de Stonewall e o Levante ao Ferro's Bar. Discutimos, também, conceitos relacionados aos três eixos temáticos que compõem o produto – Sexualidades, Gêneros e Performances – bem como as nuances que permeiam, entrelaçam ou distanciam estes conceitos.

Já na justificativa de suporte é feito uma reflexão de como a comunidade LGBTQIA+ foi e está sendo representada pela mídia, foi analisada a angulação que esses sujeitos são retratados nas novelas, nos jornalismo popular e presença quantitativa dos membros da comunidade em veículos de comunicação. No capítulo também é realizada uma fundamentação sobre as escolhas dos gêneros jornalísticos que ajudaram na composição da revista na medida em que os sujeitos fossem contemplados com uma abordagem representativa e em profundidade.

O capítulo que trata do projeto editorial e gráfico está estruturado em dois eixos principais: projeto editorial e projeto gráfico. O primeiro discute aspectos relacionados à construção editorial da revista, abordando pontos como a definição do nome, princípios que regem as definições de pautas, linha editorial, missão, visão e valores, definição de público alvo e personas, estrutura da edição 0 passando pelas editoria e pelas matérias que fazem parte de cada uma delas. Já o segundo trata de aspectos gráficos como logotipo, paleta de cores e aplicações, definições de grid com exemplificações a partir da própria revista, tipografia, imagens e fotografias. Os tópicos de cada seção trazem discussões que se relacionam à vivência de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+, e à forma como historicamente se construiu uma expectativa imagética e comportamental para como esses corpos devem ser representados na mídia, principalmente impressa.

2. JUSTIFICATIVA TEMÁTICA

2.1. A Mão Púrpura: 50 anos depois

As noções primárias que norteiam o processo produtivo de construção da revista PÚRPURA são as bases do entendimento de gênero e sexualidade, construídas a partir da ideia binária do sexo biológico. Culturalmente, as definições de sexualidade e gênero são determinadas por categorias unilaterais que se pautam nos aspectos físicos, as quais constituem uma base universal para definições sociais. As características que compõem as definições e, principalmente, as limitações das categorias que abarcam o gênero e a sexualidade são, por si só, artifícios culturais que cumprem o papel de satisfazer ideologias evolucionistas e religiosas que compreendem estas categorias a partir da noção de reprodução da espécie humana. A genitália tem, por instinto, além da função de determinação do gênero, a limitação da sexualidade, uma vez que o entendimento do que é o sexo – de maneira ainda mais intensa na cultura ocidental – se pauta na função reprodutiva do genital. Este dualismo categórico atua, então, como única definição possível, como afirma Michel Foucault:

> A noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. Além disso, apresentando-se unitariamente como anatomia e falha, como função e latência, como instinto e sentido, pôde marcar a linha de contato entre um saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas da reprodução; desse modo, aquele saber, sem nada receber realmente dessas últimas - salvo algumas analogias incertas e uns poucos conceitos transplantados - ganhou, por privilégio de vizinhança, uma garantia de quase cientificidade; mas, através dessa mesma vizinhança, certos conteúdos da biologia e da fisiologia puderam servir de princípio de normalidade à sexualidade humana. (FOUCAULT, 1979, p.144-145)

Na crítica da autora Judith Butler, o binarismo não deve impor que homens e mulheres sejam de acordo com o sexo biológico, e sim pela sua performance construída culturalmente. Ela ressalta que "não decorre daí que a construção de 'homens' aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo 'mulheres' interprete somente corpos femininos"

(BUTLER, 2003, p.24). Como abordado na obra *O segundo sexo* da autora Simone de Beauvoir, citado na obra de Butler em questão:

> a gente não nasce mulher, torna-se mulher". [...] Beauvoir diz claramente que a gente "se torna" mulher, mas sempre sob uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vêm do "sexo". Não há nada em sua explicação que garanta que o "ser" que se torna mulher seja necessariamente fêmea. (BUTLER, 2003, p.27)

Segundo a crítica de Butler, a cultura que torna a identidade de gênero de forma para uma melhor compreensão exige que algumas identidades fiquem inexistentes, "certos tipos de 'identidade de gênero' parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente por não se conformarem às normas da inteligibilidade cultural" (BUTLER, 2003, p.39). A revista aborda personagens que têm a identificação destoante dessa matriz cultural estabelecida, ela entra em diálogo com o que a autora critica na medida em que os personagens tenham a sua identidade reconhecida no produto e que elas podem ser o que são, sem a conformidade dessas normas inteligíveis.

O intuito da construção da PÚRPURA enquanto produto midiático é estabelecer uma vertente de comunicação diversa, representativa e inclusiva, visando utilizar os espaços da revista não só como produto, mas também como plataforma de visibilidade. Em cada uma de suas páginas buscamos contribuir diretamente com os debates que incluem a comunidade LGBTQIA+ através de histórias, vivências e relatos. Seu principal diferencial é a unidade de linguagem. A revista não se propõe a produzir conteúdo noticioso/comercial, mas transmitir em cada uma de suas páginas a identificação com o público através da vivência. Seu conteúdo será construído, desde a edição zero, por histórias de pessoas que, além de fazerem parte da comunidade LGBTQIA+, possuem suas vidas marcadas pela reafirmação do pertencimento.

As motivações que nos levaram a produzir a revista, bem como a escolha do seu nome, vêm do Movimento Mão Púrpura, ato revolucionário promovido na cidade estadunidense de São Francisco, Califórnia, em 31 de outubro de 1969. Após diversos artigos publicados pelo jornal *San Francisco Examiner*, em circulação desde 1865, (Figura 1), com conteúdo depreciativo acerca da comunidade LGBT, cerca de 60 membros da *Gay Liberation*

Front[2] articularam um movimento que marcaria, de maneira literal, a cidade e a memória de sua população.

Figura 1: Imagens externas do prédio que sediava a redação do *San Francisco Examiner*. 1969.
Fonte: www.purple-hand.com

Após tornar-se um ato violento diante do confronto, funcionários do jornal jogaram um barril de tinta roxa nos manifestantes, que utilizaram do conteúdo para escrever a expressão *GAY POWER* (Poder Gay) nas paredes do prédio. O ato, que começava a tomar grandes proporções, provocou a prisão de vários dos presentes de maneira violenta, e fez com que gays e lésbicas iniciassem um movimento como resposta: utilizaram suas mãos, banhadas na tinta roxa, para "carimbar" as ruas e imóveis do centro da cidade (Figura 2).

[2] Nome dado à união de diversos grupos de libertação a ativismo LGBTQIA+, articulados após a revolta de Stonewall, em 1969.

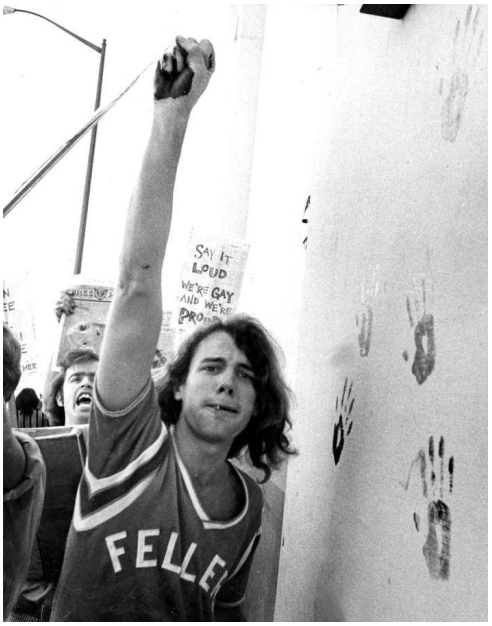


Figura 2: Manifestante marcando prédios da cidade após as prisões no San Francisco Examiner. 1969. Fonte: www.purple-hand.com. Acesso em 02/11/2020, às 22h40

Na construção da Revista PÚRPURA, buscamos utilizar como referência as motivações que levaram os membros da *Gay Liberation Front* a confrontar a maneira como a comunidade LGBTQIA+ era exposta e ridicularizada pelo *San Francisco Examiner*. De certo modo, a imagem e vivência de pessoas da comunidade ainda são abordados de maneira sensacionalista e vexatória por alguns veículos de comunicação atualmente. Ainda que tenhamos obtido avanços significativos no modo como a sociedade enxerga os corpos que se desviam do senso comum, é preciso que o movimento de busca pela humanização dessas vivências não pare. Reconhecer que pessoas LGBTQIA+ são muito mais que os estereótipos evidenciam é um ato fundamental para que tenhamos, sempre, uma abordagem mais honesta e abrangente quando nos propusermos a torná-los personagens centrais de uma narrativa jornalística e midiática.

2.2. O movimento Stonewall como referência editorial

No Stonewall Inn, bar frequentado pela comunidade LGBTQIA+ em Nova Iorque, na noite de 28 de junho de 1969, um grupo marginal decidiu que não deveria mais se calar frente

aos abusos sofridos por muitos anos. Pessoas transgênero, drag queens, lésbicas, bissexuais e homossexuais protagonizaram no Greenwich Village, bairro conhecido como o submundo da comunidade *queer*[3], o evento que daria início a todos os movimentos LGBTQIA+ ao redor do mundo. Após inúmeras abordagens policiais violentas, prisões e muito descaso, o grupo liderado por Marsha P. Johnson, Sylvia Rivera e Stormé DeLarverie (Figura 4) decidiu que, daquele dia em diante, episódios como aquele não se repetiriam. (Figura 3)

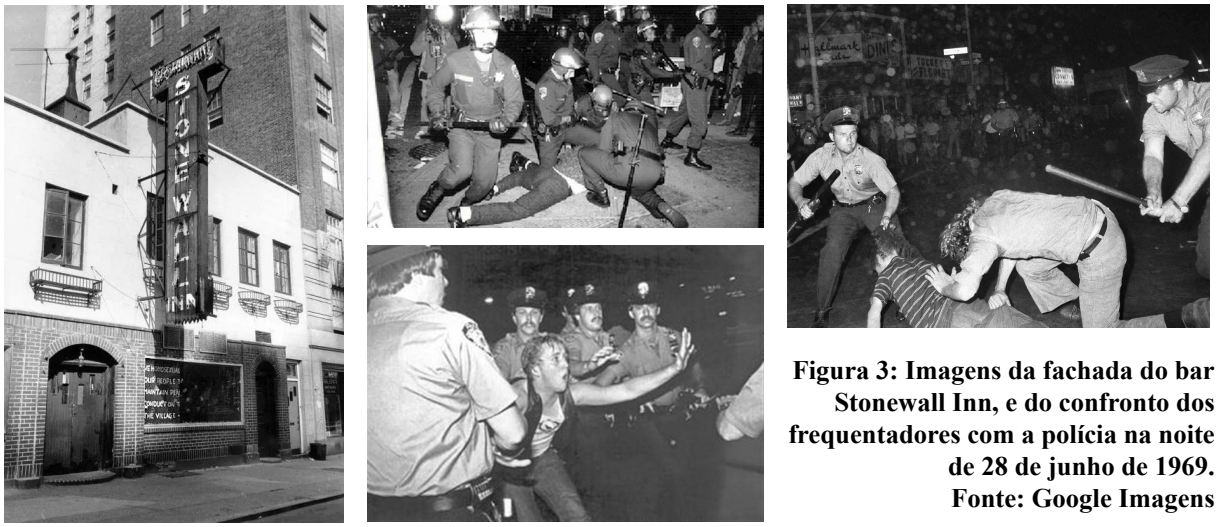


Figura 3: Imagens da fachada do bar Stonewall Inn, e do confronto dos frequentadores com a polícia na noite de 28 de junho de 1969.
Fonte: Google Imagens

Marsha era travesti, drag queen e ativista pelos direitos de pessoas LGBTQIA+. Sylvia, que se identificava como mulher transexual, esteve à frente da luta pela libertação gay e de pessoas transgênero durante muitos anos. Stormé, mulher negra, lésbica, e artista *drag king*[4], foi engajada no ativismo em grande parte da sua vida. Marsha e Stormé eram, também, negras. Sylvia, descendente de família latina. Num momento onde se destoar da branquitude, cisgeneridade[5] e heterossexualidade transformava pessoas em alvos vivos do preconceito e perseguição no mundo todo, estas três personagens acumulavam adjetivos e características que faziam delas, juntamente com tantos outros, os corpos de maior desprezo e repulsa.

[3] Expressão utilizada para designar o grupo de pessoas que possuem identidades e sexualidades que destoam da concepção binária do senso comum.
[4] Performance artística onde pessoas, em sua maioria mulheres, se "montam" com características ditas masculinas, como vestimenta, barba, corte de cabelo etc.
[5] Pessoas que se identificam com o gênero que lhes é designado no nascimento.

Figura 4: Imagens de Marsha P. Johnson, Sylvia Rivera e Stormé DeLarverie, pioneiras de Stonewall. Fonte: Google Imagens

Mesmo que a Revolta de Stonewall, que deu origem ao Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+, tenha ocorrido há mais de cinco décadas, grande parte do que acontecia com os membros da comunidade naquela época ainda perdura. O Brasil figura, há vários anos, no topo da lista dos países que mais matam e violentam pessoas LGBTQIA+ no mundo.

> De acordo com os dados do Disque 100, serviço que recebe, analisa e encaminha denúncias de violações de direitos humanos, entre 2011 e 2017 houve 12.477 denúncias envolvendo 22.899 violações cometidas contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no Brasil. Os dados referem-se às violações reportadas, não correspondendo à totalidade das violências ocorridas cotidianamente contra pessoas LGBT. Ressalta-se que esse cenário é preocupante em razão da subnotificação de dados relacionados a violências de caráter LGBTfóbico. (PINTO et al, 2020. p.2.)

Em nota técnica[6] publicada pela Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas, em parceria com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais,Travestis e Transexuais (ABGLT), a Rede Nacional de Operadores de Segurança Pública LGBTI+ (RENOSP) e o escritório Baptista Luz Advogados, foram levantadas estatísticas relacionadas aos crimes de LGBTfobia no ano de 2020. O estudo, que reúne dados de pesquisas, levantamentos e apurações de diversas associações, explicita não só o número preocupante de casos de violência com motivação homotransfóbica, mas também a invisibilidade que a escassez dos dados provoca nas mortes e

[6] Disponível em <www.fgv.br/mailing/2020/webinar/DIREITO/Nota_Tecnica_n.pdf> Acesso em 14 de março de 2021.

violências sofridas por pessoas LGBTQIA+. Na nota, o grupo afirma que dos 27 estados consultados, apenas 16 continham a estatística solicitada, como o estado do Mato Grosso que, segundo o levantamento, possui registros objetivos dos dados de violências homotransfóbicas. Já estados como Goiás e Minas Gerais não forneceram dados pois não possuem parâmetros que possibilitem o agrupamento de denúncias, como falta de campo relacionado à identidade de gênero e ausência de variável no relatório referente ao preconceito quanto à orientação sexual.

Ainda que não seja uma amostra que abranja todo o território nacional, foram notificados 161 crimes com motivação LGBTfóbica no Brasil em 2020 – considerando as 16 unidades federativas que apresentaram os dados. Vale ressaltar que atos violentos com motivação LGBTfóbica não são exclusivamente direcionados a pessoas LGBTQIA+, uma vez que podem ser direcionados a qualquer pessoa que se aproxime do estereótipo que compõe o estigma das identidades e sexualidades que divergem do binarismo e da heterossexualidade.

Os dias seguintes à Revolta de Stonewall foram marcados por intensas manifestações e protestos a favor da causa LGBTQIA+ na cidade de Nova Iorque, o que culminou em atos também, entre os anos de 1969 e 1970, nas cidades de Los Angeles, São Francisco e Chicago. Estes movimentos fizeram com que fosse iniciada ao redor do mundo uma articulação coletiva de manifestações em comemoração à Stonewall: as primeiras paradas LGBTQIA+.

Quando relacionado à Parada do Orgulho LGBTQIA+, o Brasil é referência mundial, promovendo há vários anos a maior do planeta na cidade de São Paulo. Em 2019, ano da sua 23ª edição, reuniu cerca de 3 milhões de pessoas na Avenida Paulista em 7 horas de evento, com desfile de 19 trios elétricos, e movimentação de mais de R$400 milhões, segundo levantamento do Observatório da Secretaria Municipal de Turismo da cidade de São Paulo[7].

E o país também possui suas próprias referências quando o assunto são movimentos de revolução. Enquanto Stonewall se tornava símbolo de luta e resistência nos Estados Unidos, o Brasil vivia seus piores momentos da ditadura militar, instaurada em 1 de abril de 1964. Deste modo, não existia, naquele momento, sequer um ambiente brasileiro como o bar estadunidense, e diversas urgências se fundiam e transformavam o país em um ambiente nocivo não só para pessoas LGBTQIA+.

Em 19 de agosto de 1983, o protesto em um bar de mulheres lésbicas tornou-se o

[7] Disponível em <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/parada-lgbt-movimenta-r-403-milhoes-na-cidade-de-sao-paulo> Acesso em 20 de março de 2021

"pequeno Stonewall Inn brasileiro". No dia anterior, o proprietário teria impedido que ativistas vendessem no local o ChanacomChana, publicação com conteúdo voltado à comunidade lésbica, sob a alegação de atentado contra a moral e os bons costumes. Diante disso, diversas frequentadoras e ativistas invadiram o bar e leram um manifesto pelo direito das lésbicas, o que ficou conhecido como o Levante ao Ferro's Bar (Figura 5). Após 20 anos, a data foi instituída no Brasil como o Dia do Orgulho Lésbico.

Figura 5: Imagens da capa da edição de número 10 do ChanacomChana, e do episódio do Levante ao Ferro's Bar. Fonte: Acervo Bajubá[8] e Aventuras na História[9]

A junção dos fatos de movimentos significativos que provocaram dores e mortes há mais de 50 anos e o cenário que demonstra que, mesmo que tenhamos evoluído em alguns pontos, não nos distanciamos o suficiente daquela realidade, é o que nos leva a buscar, com a Revista PÚRPURA, a promoção de um diálogo mais abrangente. Marsha, Sylvia, Stormé, os membros do movimento Mão Púrpura, do Levante ao Ferro's Bar e tantos outros que, ao longo dos anos, dedicaram suas vidas na busca pelo respeito e igualdade, são as principais referências que direcionam o processo de construção da PÚRPURA. Contar as histórias e vivências de pessoas LGBTQIA+ de maneira mais humana, através de um olhar sem estereótipos e julgamentos e a partir de outros protagonismos que não só o homem gay, branco e cisgênero, pode ser uma ferramenta poderosa na construção de uma sociedade menos preconceituosa e intolerante.

[8] Disponível em <acervobajuba.com.br/chanacomchana-10> Acesso em 20 de março de 2021
[9] Disponível em <aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/levante-ao-ferros-bar-o-stonewall-brasileiro> Acesso em 22 de março de 2021

2.3. Eixos Temáticos

No processo de construção da Revista PÚRPURA, foram escolhidos como eixos temáticos norteadores os conceitos de sexualidade, gênero e performance. A escolha parte do pressuposto da necessidade de discussão das vivências de corpos que integram cada um destes três eixos. A decisão inicial, que determinou qual seria o caminho editorial da revista, vem do anseio de uma representação que conseguisse ultrapassar as abordagens corriqueiras da mídia impressa. Quando se trata da temática LGBTQIA+, grande parte das publicações abordam, principalmente, histórias de homens gays cisgênero e mulheres trans. Com a produção da PÚRPURA, nosso intuito é apresentar outros protagonismos que também precisam de espaço nos veículos de comunicação de massa e que, na nossa concepção, possuem o potencial de ampliar as discussões sobre o tema. Desta forma, na edição zero, apresentamos, por exemplo, personagens como uma mulher bissexual, duas *drag queens* – sendo uma mulher cisgênero, discutindo o estereótipo de que a performance *drag* é uma exclusividade de homens gays cisgênero – um homem trans e a mãe de duas filhas lésbicas e um homem gay.

Além das nossas próprias observações ao longo dos últimos anos, que possibilitaram a percepção dessa maneira como a mídia aborda determinados corpos, encontramos o ponto de conexão que precisávamos para a definição conceitual da revista PÚRPURA, que vem do Movimento Mão Púrpura. O movimento de concepção de cada um dos temas, personagens, imagens e textos das matérias que compõem os três eixos temáticos do produto partem do pressuposto de fazer, justamente, o movimento contrário ao adotado pelo *San Francisco Examiner*, que levou aos protestos em 1969.

2.4. O binarismo e os conceitos de subversão

Quando buscamos um ponto de conexão entre os três eixos temáticos que compõem a Revista PÚRPURA, ou mais especificamente os marcos que ligam as intolerâncias e preconceitos sofridos pelos corpos desviantes, todos os caminhos culminam no mesmo ponto: as concepções binárias de gênero. Efetuando uma reflexão acerca do que fomenta determinados comportamentos intolerantes, sejam eles relacionados ao gênero, à sexualidade ou à performance, seja artística ou de gênero, é possível observar que todos partem do que o

senso comum entende enquanto gênero, pautado no binarismo do sexo biológico.

> As precondições para a produção do conhecimento ocidental, seus padrões de objetividade, racionalidade e universalidade, exigem a exclusão do feminismo, do corpóreo, do inconsciente. De fato, a ordenação lógica da realidade em hierarquias, dualismos e sistemas binários pressupõe uma dicotomia de gênero anterior de homem/mulher. Não só a voz ou a experiência das mulheres têm sido excluídas do âmbito do conhecimento ocidental, ou mesmo quando o discurso é "sobre" mulheres, ou quando as mulheres são os sujeitos que falam, elas ainda o fazem de acordo com códigos falocráticos. (JAGGAR e BORDO, 1997, p.63)

Para além do conceito básico do binarismo, os comportamentos intolerantes aos quais pessoas LGBTQIA+ são submetidas seguem os moldes patriarcais que constroem o alicerce da sociedade. Seja na identidade, sexualidade ou performance, destoar-se da figura do “macho alfa” ou aproximar-se do que é considerado feminino torna-se uma problemática, uma vez que contraria as concepções sociais pré-estabelecidas e desvia da regra de quem se deve ser, do que se deve fazer e com quem se deve relacionar de acordo com a concepção binária de homem e mulher.

> O modo como o binarismo masculino/feminino vem sendo entendido diverge e se modifica histórica e culturalmente (p.76) Resgata historicamente que até o início do século XIX, persistira o modelo sexual que hierarquizava os sujeitos ao longo de um único eixo (o masculino). Nas décadas finais do século XIX, médicos, filósofos, moralistas e pensadores fazem suas “descobertas” e a partir dos seus preceitos “autorizam” e “estabelecem” práticas sexuais. Produzem discursos, classificam, disciplinam, através de suas autoridades, os corpos. Nesse sentido, se transformam em marcas de poder, em relação de poder. Exemplifica a drag como aquele corpo que transgride e subverte o feminino, salientando os códigos culturais que marcam esse gênero. Ao brincar com esses códigos, através de sua forma estranha (queer) e bizarra, ajuda-nos a lembrar que nossas marcas no corpo foram inventadas e culturalmente sancionadas em nossa sociedade. (RIBEIRO, 2011. p.298)

Ao longo dos anos, pensar o que é feminino e masculino deixou de assumir como ponto de partida o sexo biológico, baseado no órgão sexual com o qual a criança possui ao nascer. As características subjetivas, já descritas em obras da psicologia como na teoria do inconsciente de Freud, onde diz que “nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente,

que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão” (HALL, 2006. p.36) apresentam extrema complexidade e variabilidade, não sendo possível, portanto, defini-la nestas concepções binárias.

> A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos — étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. — constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse "empurrado em diferentes direções", como diz Stuart Hall (1992, p.4). (LOURO, 1997. p. 21)

Uma das discussões que já figura há anos, tanto dentro da comunidade LGBTQIA+ quanto na sociedade em geral, é sobre a sigla que representa o movimento e sua respectiva quantidade de letras e significados. Partindo do ponto de vista da comunidade LGBTQIA+ se tratar movimento social, que representa um grupo minoritário, diversas críticas são direcionadas devido à multiplicidade com que a sigla vem sendo apresentada e utilizada. Entretanto, quando observada pela ótica das múltiplas vivências, questiona-se quão necessário é considerar, também, o direito à representação de todas as pessoas que se entendem enquanto membros da comunidade. No início dos movimentos, a sigla mais comum era GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), posteriormente substituída por GLBT (com inclusão de Bissexuais e Transgêneros e exclusão dos Simpatizantes). Na I Conferência Nacional do movimento, em 2008, foi estabelecido, após deliberação, que a sigla utilizada a partir daquele momento seria LGBT, utilizando-se do argumento do protagonismo de homens gays se estabelecer, também, na sigla que deveria ser representativa, portanto efetuando a troca com a letra inicial que representa as mulheres lésbicas.

É importante refletir quanta representatividade um movimento pode trazer para as múltiplas possibilidades que compõem seus membros. Uma vez que abre-se possibilidades de inclusão de todos – ou, pelo menos, grande parte – é possível criar um fluxo natural de unificação na luta por direitos e novas oportunidades, principalmente quando diz respeito a grupos que representam minorias. Entretanto, ao mesmo tempo, caso este movimento não apresente fluidez e, principalmente, união quanto às pautas, objetivos e causas, é possível que

ruídos entre as diferentes pautas causem ainda mais instabilidade e fragmentação do grupo. Em entrevista ao site *Gay Blog*[10], de novembro de 2020, Renan Quinalha, ativista de direitos humanos e professor, explicita que

> é um movimento que tem muita fragmentação. Muita divisão interna. Foi um processo gradativo dessa sopa de letrinhas, que foi crescendo, ou seja a gente vai chegando na LGBTQIA+, essa sigla que a gente tem utilizado do movimento, que é muito importante por visibilizar a especificidade de cada identidade dentro dessa comunidade que nós temos e ao mesmo tempo, isso provoca uma certa fragmentação e uma pulverização. (QUINALHA, 2020)

Ainda que as discussões acerca da abrangência da sigla LGBTQIA+ não tenham obtido uma decisão final – o que não deve acontecer, uma vez que as mudanças em um movimento acompanham a evolução de seus membros – faz-se necessário explicitar o que diferencia, conceitualmente, as definições das principais identidades e sexualidades que compõem a comunidade LGBTQIA+ hoje:

a) Homossexualidade:

> [...] quando nos referimos à homossexualidade não estamos tratando de um fenômeno recortado e isolado da realidade humana. Falar da homossexualidade é falar da sexualidade humana, ou melhor, é falar da diversidade – ou pluralidade – da sexualidade humana, ressaltando percalços e agruras daqueles e daquelas que não se enquadram a uma hegemonia dita heterossexual e que tem o sexo como meio reprodutivo. (TONIETTE, 2020. p.42)

b) Bissexualidade:

> É importante esclarecer que a pessoa bissexual não é intersexual (hermafrodita), ou seja, não possui os dois órgãos sexuais, não seria isso a classificá-la como tal; não é andrógena, uma única pessoa que possui características femininas e masculinas; não é transexual e muito menos travesti. O que se está afirmando é que ser travesti, transexual, andrógeno ou intersexo não implica um estado bissexual. Qualquer uma dessas denominações podem se expressar numa variação hetero, homo ou bissexual. Em suma, o sujeito bissexual é aquele que sente desejo pelo mesmo sexo e pelo sexo oposto simultaneamente ou sucessivamente, não importando sua identidade de gênero ou alterações físicas e biológicas. (PAVONI, 2015. p. 4)

[10] Disponível em <gay.blog.br/entrevistas/vote-lgbt-uma-conversa-com-renan-quinalha-sobre-como-eleger-gays-pode-mudar-o-brasil/> Acesso em 20 de fevereiro de 2021

c) Pansexualidade:

> Considera-se que a pansexualidade é uma orientação sexual, assim como a heterossexualidade ou a homossexualidade. O prefixo pan vem do grego e se traduz como "tudo". Significa que as pessoas pansexuais podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independente de sua identidade de gênero ou sexo biológico. A pansexualidade é uma orientação que rejeita especificamente a noção de dois gêneros e até de orientação sexual específica (MARSHALL CAVENDISH CORPORATION, 2010). (Manual de Comunicação LGBTI+, 2018. p.23)

d) Assexualidade:

> Embora muitos dos assexuais se identifiquem com a definição da assexualidade enquanto a ausência de atração sexual por outros, a mesma pode ser interpretada apenas como um ponto comum de identificação e não como uma descrição exaustiva das atitudes e orientações prevalentes entre os assexuais (Carrigan, 2011). Da mesma forma que existem vários processos de autoidentificação com a assexualidade, existe entre os indivíduos assexuais uma variedade de experiências relativas à atração sexual, à atração romântica e ao comportamento sexual (Yule, et al., 2017). (CARVALHO, 2019. p.5)

e) Intersexualidade:

> Na esfera médica, em 1917 o termo "intersexualidade" foi utilizado provavelmente pela primeira vez no sentido de fazer referência "a uma gama de ambigüidades sexuais, incluindo o que antes era conhecido como hermafroditismo" (Dreger, 2000, p. 31). Nos anos de 1990, essa denominação foi apropriada também pelos ativistas políticos intersex engajados na luta pelo fim das cirurgias precoces "corretoras" de genitais ditos "ambíguos". Entretanto, é preciso salientar que médicos e movimento político não definem "intersexualidade" de maneira idêntica. Os grupos de ativismo intersex normalmente oferecem outras definições para o termo, por meio das quais buscam contestar a ideia de patologização da intersexualidade, assim como aumentar as possibilidades do que é possível de ser incluído no termo para além das definições médicas. (MACHADO, 2008. p.110)

f) Travestilidade:

> Travesti é uma pessoa que foi designada homem no seu nascimento, mas se entende como uma figura feminina. Durante muito tempo, o termo era considerado pejorativo ou associado à prostituição. Contudo, atualmente o conceito vem sendo ressignificado e passou a ter mais peso político. Há pessoas que afirmam com orgulho que são travestis devido à história do termo. (**O que é uma pessoa travesti?** Transcendemos[11])

[11] Disponível em <transcendemos.com.br/transcendemosexplica/trans/> Acesso em 14 de março de 2021

g) Transexualidade:

> “Significa essencialmente que a criança nasce, tem um sexo reconhecido de acordo com a genitália, mas possui uma identidade de gênero que, ou é oposta a que corresponde à genitália, ou condiz com algo intermediário". (Alexandre Saadeh, psiquiatra, em entrevista à CNN Brasil. 2021[12])

h) Pessoas Não-binário/Agênero/Gênero fluido:

> [...] indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações. (REIS. PINHO. 2016. p.14)

i) Drag Queen/King:

> Artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em suas apresentações são conhecidos como drag queens (sendo mulheres fantasiadas como homens, são drag kings). O termo mais antigo, usado no Brasil para tratá-los, é o de artistas transformistas. Drag queens/king são transformistas vivenciam a inversão do gênero como espetáculo, não como identidade. Aproximam-se dos crossdressers pela funcionalidade do que fazem, e não das travestis e transexuais pela identidade. (JESUS, 2012.p.10)

j) Performance de Gênero:

> Butler vai pensar o gênero como performance, um tipo de performance que pode se dar em qualquer corpo, portanto desconectado da ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero. Butler propõe repensar o corpo não mais como um dado natural, mas como uma “superfície politicamente regulada”. (RODRIGUES, 2012. p. 150)

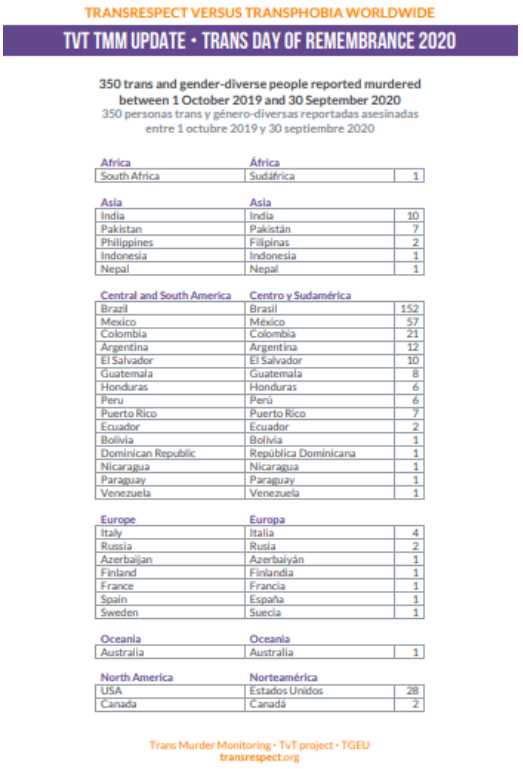
É importante ressaltar que, mesmo diante de definições teóricas e relatos com as mais distintas sexualidades e identidades, o modo como se experiencia o afeto e a vivência não deve ser parametrizado como unidade, uma vez que as questões subjetivas de cada indivíduo atuam diretamente na maneira como cada um experiencia sua sexualidade e identidade. Vale pontuar, também, que as identidades e sexualidades não devem ser diretamente relacionadas, visto que não apresentam relação de dependência. Ou seja, o fato de uma pessoa se identificar enquanto transgênero não limita sua sexualidade ao seu gênero, por exemplo.

---

[12] Disponível em <www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/29/dia-da-visibilidade-trans-especialista-responde-duvidas-sobre-letra-t-da-sigla> Acesso em 14 de março de 2021

2.5. Ser LGBTQIA+ no Brasil

O Brasil lidera o ranking de violência contra pessoas LGBTQIA+, e figura como o país que mais mata pessoas trans no mundo. De acordo com o relatório publicado pela ONG Transgender Europe[13], rede europeia de organizações que apoiam os direitos da população transgênero, foram registradas 152 assassinatos de pessoas trans no Brasil no ano de 2020. É o 12º consecutivo em que o país aparece como primeiro colocado, seguido no relatório mais recente pelo México (57 assassinatos) e Estados Unidos (28 assassinatos). O levantamento, feito através de pesquisa anual da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra), totaliza 350 casos de assassinato contra a população trans entre 1º de outubro de 2019 e 30 de setembro de 2020 no mundo. No ano anterior, a somatória chegou a 331 casos.



TRANSRESPECT VERSUS TRANSPHOBIA WORLDWIDE

TVT TMM UPDATE • TRANS DAY OF REMEMBRANCE 2020

350 trans and gender-diverse people reported murdered between 1 October 2019 and 30 September 2020

350 personas trans y género-diversas reportadas asesinadas entre 1 octubre 2019 y 30 septiembre 2020

Africa	**África**	
South Africa	Sudáfrica	1
Asia	**Asia**	
India	India	10
Pakistan	Pakistán	7
Philippines	Filipinas	2
Indonesia	Indonesia	1
Nepal	Nepal	1
Central and South America	**Centro y Sudamérica**	
Brazil	Brasil	152
Mexico	México	57
Colombia	Colombia	21
Argentina	Argentina	12
El Salvador	El Salvador	10
Guatemala	Guatemala	8
Honduras	Honduras	6
Peru	Perú	6
Puerto Rico	Puerto Rico	7
Ecuador	Ecuador	2
Bolivia	Bolivia	1
Dominican Republic	República Dominicana	1
Nicaragua	Nicaragua	1
Paraguay	Paraguay	1
Venezuela	Venezuela	1
Europe	**Europa**	
Italy	Italia	4
Russia	Rusia	2
Azerbaijan	Azerbaiyán	1
Finland	Finlandia	1
France	Francia	1
Spain	España	1
Sweden	Suecia	1
Oceania	**Oceanía**	
Australia	Australia	1
North America	**Norteamérica**	
USA	Estados Unidos	28
Canada	Canadá	2

Trans Murder Monitoring • TvT project • TGEU
transrespect.org

Figura 6: Ranking Mundial de Assassinatos de Pessoas Trans em 2020
TRANSRESPECT VERSUS TRANSPHOBIA WORLDWIDE

Ainda que os números sejam expressivos, quando levados em consideração fatores como a dificuldade do uso do nome social por pessoas trans em diversas esferas públicas, a

[13] Disponível em <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2020/> Acesso em 23 de março de 2021

negligência e truculência policial e a invisibilidade de grande parte das pessoas LGBTQIA+, imagina-se que os dados sejam ainda maiores.

Em 2019, o Supremo Tribunal Federal decidiu pela criminalização de atos LGBTfóbicos no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão nº26/DF[14]. Na decisão, os crimes com motivação homotransfóbica têm seu enquadramento no crime de racismo, lei nº 7.716/89[15], até que sejam promulgadas leis específicas de julgamento pelo Congresso Nacional. Foi determinado pelo Supremo, também, que nos casos de homicídio doloso, quando há intenção de matar, a LGBTfobia deve constar como circunstância qualificadora do crime, considerando-se motivo torpe, que trata-se da motivação repugnante, moral e socialmente repudiado, de acordo com o Tribunal de Justiça.

Mesmo que nos últimos anos estejamos conquistando avanços significativos na luta por direitos básicos das pessoas LGBTQIA+, diversos pontos ainda precisam de atenção para que sejam alcançadas mudanças efetivas. Com relação à criminalização da LGBTfobia, o grande problema se encontra no alto índice de subnotificação, seja por parte dos órgãos governamentais que não se esforçam para tentar encontrar protocolos que abranjam toda a população LGBTQIA+ no âmbito social e da saúde, ou da própria comunidade, que não encontra o amparo necessário e se isenta de buscar o básico para sua sobrevivência. É necessária, também, uma melhoria nos métodos de coleta de dados, a fim de obter uma amostragem mais específica, tanto no que diz respeito à violência, quanto à atenção na saúde básica, educação e acesso a oportunidades.

Outro passo que necessita de avanço é a construção de um olhar mais atencioso com relação às ONGs, instituições e movimentos sociais que acolhem, amparam e direcionam a população LGBTQIA+. Uma vez que se estabeleçam enquanto órgãos de referência, com potencial de mudança sem restrições financeiras ou impedimentos legais e/ou sociais, um novo cenário começará a ser construído na história da luta pelos direitos de pessoas LGBTQIA+ no Brasil.

---

[14] Disponível em <www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADO26votoMAM.pdf?mc_cid=c040c67029&mc_eid=dda8916e3f> Acesso em 25 de março de 2021

[15] Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm> Acesso em 25 de março de 2021

3. JUSTIFICATIVA DE SUPORTE

3.1. A pauta e abordagens da mídia sobre a comunidade LGBTQIA+

As produções jornalísticas pautadas na comunidade LGBTQIA+ iniciaram no momento em que o Brasil estava passando por um regime político autoritário em 1964, com situações extremamente conservadoras, segregadoras e desrespeitosas. “De acordo com o João Silvério Trevisan, em depoimento concedido ao documentário Lampião da esquina – produzido em 2016 e dirigido por Lívia Perez e Noel Carvalho –, a homossexualidade, no final dos anos 1970, era tratada através de uma visão sensacionalista e deturpada”(ARCANJO, 2018, p.39). As notícias publicadas sobre a comunidade na época da ditadura militar eram estereotipadas e preconceituosas e, segundo Arcanjo, havia apenas um jornal na época que noticiava pautas sobre a comunidade.

> O escritor nos revela que o único veículo midiático, que trazia reportagens relacionadas à homossexualidade, era o jornal de São Paulo Notícias populares, sendo o cunho totalmente negativo com manchetes como Cinco travestis detidos na república do Líbano e 3 homossexuais presos após assalto (ARCANJO, 2018, p.39)

Diante dessa situação, as pessoas contrárias ao movimento político, viram-se na necessidade de se manifestarem e de se sentirem representadas, logo um grupo de homossexuais fundou o jornal Lampião da Esquina, em 1978. O produto tinha como principal objetivo de acolher as pessoas da oposição, serem porta-vozes do descontentamento na atual política que governava o país e, principalmente, questionar a forma em que eles eram tratados, assim como a ausência de liberdade e respeito também eram pautas no jornal brasileiro. Segundo a autoras Bruna Fernandes, Barbara Lissa e Rita Rodrigues (FERNANDES; RODRIGUES; LAGES, 2020, p.74) além do Lampião da Esquina, existia também o “BoletimChanacomChana, publicação produzida pelo GALF (Grupo de Ação Lésbica Feminista, 1981-1990) que vigorou entre 1981 e 1987”. Segundo as autoras, “as fundadoras tinham, por meio do boletim, o intuito de falar, de se posicionar enquanto mulheres lésbicas

que desejavam viver sua sexualidade sem medo e estabelecer uma rede de apoio e partilha com seus pares" (FERNANDES; RODRIGUES; LAGES, 2020, p.74).

Desde a década de 70, os membros da comunidade buscam por espaço livre de estereótipos na sociedade. A luta não é apenas sobre representatividade, mas pela inserção de pessoas LGBTQIA+ nos meios de comunicação. Durante esse processo, podemos relembrar alguns personagens que "representaram" a comunidade nas novelas da Rede Globo, como na década de 90 o personagem Lulu (Eri Johnson) na novela *"Barriga de Aluguel",* de Glória Peres, que ficou sozinho em toda trama porque o seu amor platônico por um jogador de futebol não foi correspondido. Em *"Fina Estampa"* (de 22 de agosto de 2011 a 23 de março de 2012), novela escrita por Aguinaldo Silva, o personagem Crodoaldo Valério (Marcelo Serrado) vivia um relacionamento escondido, o mistério percorreu durante toda a trama e só foi revelado a identidade do seu par para os telespectadores no final da novela. Na telenovela *"Amor à Vida"* (de 20 de maio de 2013 a 31 de janeiro de 2014) escrita por Walcyr Carrasco, o Félix (Mateus Solano) era interpretado como um gay não assumido, era casado com uma mulher, tinha um filho e durante o decorrer da novela se mostrava efeminado, devido ao sucesso do personagem, protagonizou o primeiro beijo gay romantizado na Rede Globo. Segundo Colling (2007, p.208), "a emissora, em um primeiro momento, associou a homossexualidade com a criminalidade, depois preferiu os personagens estereotipados da "bicha louca" e/ou afetados e afeminados." Além das relações afetivas serem fundamentadas em um "modelo heteronormativo", conceito abordado pela autora Butler, onde os sentimentos de carinho não são mostrados como algo normal, o que diferencia o casal hétero do casal homoafetivo que o sexo não é mostrado nas câmeras.

> Essa produção constringida funciona ligando a categoria do sexo com a da identidade; haverá dois sexos, distintos e uniformes, e eles vão se expressar e se tornar evidentes no gênero e na sexualidade de modo que qualquer manifestação social de não identidade, descontinuidade, ou incoerência sexual será punida, controlada, repudiada, reformada. (BUTLER, 2008, p. 97)

Uma persona que esteve presente na mídia brasileira nos anos 2000 a 2007 foi a transexual Lacraia, dupla do MC Serginho, que produziu o funk carioca e esteve presente na MTV, Pânico na TV e SBT. A dançarina encenou um casamento falso no *"Programa da Eliana"* do SBT, mas o noivo se recusou a repetir as palavras do "padre" ("legítima esposa") e

não beijou a noiva ao final da cerimônia, a transfobia foi tratada com normalidade e humor pela plateia. Diante dessa situação, podemos observar que esse comportamento social do "noivo" está atrelado a "heteronormatividade compulsória", conceito abordado pela autora Judith Butler de que a condição de gênero está socialmente atribuída ao seu sexo biológico. Discussão presente no livro "*Problemas de Gênero"* escrito pela autora Jurith Butler (1993, p. 2), o sexo é "uma das normas através das quais esse 'um'[sujeito] pode chegar a ser viável, essa norma que qualifica um corpo para toda a vida dentro da esfera da inteligibilidade cultural".

Em produções atuais como a série *Pose* (2018), produzida por Ryan Murphy e Brad Falchuk e televisionada no canal norte-americano Fox Extended Networks, os realities shows *RuPaul's Drag Race* (2009) idealizado pelo apresentador RuPaul Andre e televisionado no canal americano Video Hits One e *Nasce Uma Rainha* (2020), primeiro reality show de formato original brasileiro produzido pela Netflix é notório que a comunidade está sendo representada de maneira mais significativa, grande parte elenco da série *Pose* são de pessoas transexuais e a angulação da série busca representar a comunidade de forma humanizada e livre de estigmas sociais. Nos dois realitys, as discussões acerca da identidade de gênero, performance e sexualidade são abordadas com a presença de pessoas da comunidade LGBTQA+ num contexto de acolhimento e subversão de preconceitos vivenciados por cada indivíduo mostrados durante o programa.

Na cobertura jornalística por sua vez, é satisfatório haver matérias como *"Gênero: tudo que você sabe está errado"* (Ed. 292, publicada em 2015) *e "Eu vivo com HIV"* (Ed.317, publicada em 2017) ambas publicadas na revista Galileu, a série *"Quem sou eu?"* (2017) produzida pelo Fantástico (Rede Globo), que são produções que subvertem os preconceitos e informam a sociedade sobre sexualidade e gênero. Porém, ainda falta espaço para matérias que representam a comunidade da periferia e aos que não têm acesso ao mercado de trabalho.

Destaca-se também a ampla participação de pessoas da comunidade na mídia como a Laerte, cartunista brasileira que sobreviveu e sobrevive nesta sociedade carregada de estigmas, além do jornalista e youtuber Hugo Gloss, também Matheus Ribeiro que foi o primeiro apresentador assumidamente homossexual a ocupar a bancada do Jornal Nacional da Rede Globo, a jornalista e apresentadora da Rede Globo Fernanda Gentil, mas é perceptível que ainda é escasso membros que compõem a sigla como um todo.

No jornalismo popular, por sua vez, ainda é realizado matérias sensacionalistas e sem aprofundamento sobre a situação social do sujeito envolvido na situação, como pode ser observado nesta matéria da plataforma digital Campo Grande News: *"Travesti é encontrada morta após passar a noite usando droga com colega"*[16] (publicada em 17 de março de 2021), o título reforça estigmas sociais, não é questionado o porquê dela está em situação de rua, o motivo delas serem usuárias de drogas, quais são as políticas públicas que estão sendo providenciadas para a realidade dessas pessoas mudarem, é evidente a falta de humanização na notícia. O uso da palavra "travesti" em títulos de matérias como esta tem como principal objetivo chamar atenção do leitor e, consequentemente, marginalizar as transexuais.

Diante de situações em que a comunidade está constantemente relacionada com a criminalidade, foi desenvolvido o Manual de Comunicação da Comunidade LGBTQIA+[17]pela Aliança Nacional LGBTI e pela Gay Latino, que objetiva informar e nos auxiliar, membros da comunicação para que sejamos aliados do movimento, ao invés de reforçar os estigmas sociais enraizados na nossa comunidade. O produto é oriundo da sucessiva luta para a construção de uma sociedade mais justa e acolhedora, além da reivindicação dos seus direitos e a conscientização social por meio da linguagem.

A revista PÚRPURA acolhe os sujeitos inseridos em cada matéria respeitando por meio de angulações humanitárias na busca de promover a cidadania, sempre memorando as datas comemorativas no intuito demonstrar as conquistas e reforçar que ainda falta muito para a comunidade adquirir os plenos direitos em relação a parcela majoritária brasileira, além do uso dos termos corretamente que corrompem o preconceito. Além do manual como ferramenta, é necessário utilizar a ética no jornalismo, pois nós somos detentores da informação e precisamos usá-la com sabedoria. A revista PÚPURA trabalha com a ética e busca defender a liberdade de cada indivíduo utilizando o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros[18] (2007. p.2) pois é nosso dever "combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de

---

[16] Disponível em: <Travesti é encontrada morta após passar a noite usando droga com colega> Acesso em 20 de março de 2021

[17] Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf> Acesso em 21 de março de 2021

[18] Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf > Acesso em 13 de abril de 2021

orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza" e respeitar a pluralidade de cada indivíduo.

3.2. Jornalismo em revista como aposta para uma abordagem representativa e em profundidade

A revista por ter uma praticidade em ser manuseada, é uma grande aliada para ser lida enquanto espera o ônibus, na sala de espera ou até mesmo depois de um dia cansativo. Esse veículo de comunicação é de extrema importância devido ao seu uso e efeito, ela desperta uma relação de intimidade com o leitor na medida em que ele vai adquirindo conhecimento sobre dezenas de informações. Segundo a autora Fátima Ali (ano, p.15), "a revista fala sobre o que interessa ao leitor, levando em consideração seus desejos e expectativas, expressando suas esperanças e preocupações".

Os organizadores Tavares e Schwaab abordam os processos do jornalismo que envolvem a produção das revistas e trazem conceitos que justificam a escolha do material editorial para a construção da revista PÚRPURA. A revista estimula a imaginação e a memória a partir de sua construção baseada na montagem de peças que se contrastam e contrapõem. Ela não é definida como uma tela plana, visto que nela "folheia-se, as imagens ali agrupadas se reorganizam nesse passeio, mesmo que remontadas a partir de um primeiro conjunto de atualidades" (VOGEL, 2013, p.19). Essa produção da revista acontece, então, a partir desse processo de montagem que interliga os mais variados trabalhos a fim de transmitir uma mensagem ao leitor. Essa ideia de colagem como princípio artístico surge, como reforçam Daisi Vogel, ligada ao cubismo com fragmentos da realidade, desconstruindo a ideia de que "a tarefa do artista é a transposição da realidade" (VOGEL, 2013, p.21). O aspecto de montagem das revistas também é reforçado pela forma como o tempo é tratado na sua produção. Diferente dos jornais, que na maioria dos casos possuem uma periodicidade diária, as revistas podem ser publicadas semanalmente, quinzenalmente e até mensalmente, fazendo com que os jornais se tornem muito mais próximos da notícia. Isso faz com que a produção de revista busque outras formas de lidar com o assunto a ser abordado, trazendo assim uma linguagem e relação diferente da realizada nos jornais.

Esses conceitos se associam ao projeto da "PÚRPURA" por sua temática, que trará discussões aprofundadas com enfoque nos personagens que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, com materiais cuja relevância temporal se dará com relação ao momento em que

estão inseridos. A relação entre os materiais a serem produzidos, todos integrantes do mesmo grande grupo social, reforça a ideia da revista por sua característica de segmentação. Essa característica é trazida pelas revistas desde o seu surgimento que a diferenciava da produção dos jornais e dos livros, e que teve como momento de impulsionamento e expansão entre o século XX e início do XXI; e direciona assim o produto a um público específico que se visa atingir. É também essa audiência que irá ditar o direcionamento das pautas e a forma como será trabalhada cada temática a partir de suas demandas, como dito por Tavares e Schwaab:

> [...] essa percepção que registra a forma de bipoder que se exerce e exercita nas revistas, tem um efeito importante sobre a definição da pauta, o tratamento editorial, a linguagem (em suma, o acontecimento) em cada publicação. No conjunto pode-se dizer que ela sobredetermina o modo como determinada revista toma posição diante dos eventos do mundo. (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p. 22)

Essa característica marcada das revistas, em que sua identidade é desenhada com traços noticiosos analíticos e de interpretação, também se aplica pelo fato de que essa discussão trazida nesse tipo de produto possui um apelo mais específico, “que dialoga com o contexto da qual ela é parte constituinte” (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p.27). O cenário político na qual PÚRPURA se insere deixa claro a relevância de se trazer as discussões pretendidas, e a revista é uma ferramenta eficaz para se atingir o proposto, sendo que “na dualidade revista e sociedade, um imbricamento cultural e histórico se apresenta evidente, sendo resultado do diálogo entre um meio de comunicação e o tempo sobre o qual e para o qual ele se volta” (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p.33). Também é característica da revista impressa o seu “fazer informativo de grande elaboração” (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p.28), que se relaciona com a sua segmentação pelo fato de sua construção visa o tratamento dos assuntos com um maior fôlego que irá despertar interesse em um determinado nicho de público.

A segmentação é um resultado claro do processo de globalização em que o consumo se amplia e assim, consequentemente, a variação de produtos disponíveis buscando atender as mais diversas procuras. Com isto, “as revistas têm trabalhado com um público mais reduzido, o que se traduz na especialização que verificamos na profusão de títulos disponíveis, explorando determinados temas ou fazendo deles sua linha de atuação” (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p.33). “Púrpura” se encaixa justamente no fato de que a busca por

material, discussão e reflexão acerca da temática LGBTQIA+ se intensificou nos últimos anos e se dá aí a sua linha de atuação, atendendo uma demanda existente de uma segmentação crescente.

A PÚRPURA estabelece junto ao leitor uma leitura empática, portanto, a nossa missão é além de informar, fazer com o que os leitores se identifiquem com cada sujeito entrevistado. As escolhas em usar gêneros jornalísticos como perfis, entrevistas e ensaios fotográficos é justamente para criar um elo entre as personas que relatam as suas experiências, outros membros da comunidade LGBTQIA+ e aqueles que não vivem "na pele" as vivências, saibam como devem acolher, desenvolver um senso crítico e se posicionar diante de situações preconceituosas, violentas e traumáticas.

Para a autora Lysiane Munhoz, "o jornalismo busca a verdade e não necessariamente produz a verdade: por meio da seleção de fatos, entrevistas, checagem de informações relata os fatos e assim apreende o mundo para o público fazer a sua releitura" (MUNHOZ, 2017, p. 32), a PÚRPURA busca justamente traduzir a verdade das pessoas da comunidade LGBTQIA+ descrevendo as suas vivências, por meio de angulações que explorem a subjetividade dos entrevistados e a utilizam como ferramenta de resistência sobre a sociedade heteronormativa.

A escolha editorial de cada gênero jornalístico utilizado na revista PÚRPURA busca abranger o sujeito de forma completa e, consequentemente, desenvolver um contrato de proximidade com o leitor. Alguns fatores acompanham o fato de as revistas terem conquistado para si um espaço maior para a publicação de entrevistas. O tempo mais longo para o desenvolvimento do produto, associado ao caráter mais reflexivo e interpretativo das abordagens, e o maior tempo de leitura demandado fizeram com que esse tipo textual se tornasse elemento presente nas publicações.

Como dito por Necchi, obra presente no livro, a entrevista, que "no universo jornalístico, sugere dois significados: técnica e formato de texto, ambos marcados por uma ideia de diálogo" (NECCHI, 2013, p. 161), tem como uma de suas principais características a valorização da fala do entrevistado, este que precisa possuir relevância para o resultado final da produção por sua posição, relevância temática, ou outro fator que justifique ali sua presença.

> É esperado que se pense em entrevistar alguém em função de sua proeminência, de sua participação em algo importante ou, ainda, em decorrência de fator circunstancial que conduza uma distinção. Nessas situações, o interesse jornalístico não converge necessariamente para a pessoa em si, mas para aquilo que ela representa ou está associada. (NECCHI, 2013 p. 162)

Através da entrevista, é possível que se chegue a um produto que servirá para eternizar determinada temática, ou até mesmo falas específicas do entrevistado. É por meio da entrevista que se torna possível "desvendar e apresentar uma pessoa, da mesma forma que se consegue, no universo das relações humanas, quando se trava uma conversa franca e minuciosa com alguém" (NECCHI, 2013, p. 161).

O processo de produção de uma entrevista se inicia no agendamento com a fonte, que posteriormente precisa ser preparada, na qual é possível que em alguns casos seja solicitado o envio prévio das perguntas para essa preparação; pesquisa sobre o personagem, além de entrevistas preliminares com pessoas que tenham algum tipo de relação com o mesmo, visando se envolver de forma mais aprofundada tanto com o tema quanto com a fonte. A entrevista na revista, como dito por Necchi, é um processo "apurado, planejado e profundo" (NECCHI, 2013, p. 161)

Todo esse processo tem como motivação principal apresentar em uma sequência lógica um personagem que irá dialogar com o que está sendo proposto na entrevista. As perguntas precisam, após todo o processo de pesquisa e apuração, ser pensadas para que tal conversa aconteça de forma aprofundada, e elas precisam suscitar respostas que desenvolvam o entrevistado. Essa construção lógica do texto precisa acontecer para que o leitor se situe no que está sendo apresentado, já que ele "pode até não conhecer o entrevistado, mas, ao encontrá-lo como personagem de uma entrevista de revista, presume que se trata de alguém importante ou que tenha algo interessante a dizer" (NECCHI, 2013, p. 175). É importante, então, que a entrevista se inicie com uma abertura que traz informações relevantes acerca da pessoa, que faz parte do processo de apuração; da situação em que a entrevista foi realizada, e também pontos importantes do que ali foi dito.

Portanto, a entrevista cumpre um papel importante na ideia geral da revista por seu caráter informativo aprofundado que se assemelha ao processo de produção do periódico, e a escolha desse tipo textual pode ser justificado pelo fato de o mesmo ser uma ferramenta potente para levantar discussões específicas com falas de entrevistados que agreguem à temática.

Além de enfatizar as histórias das personas por meio de entrevistas, PÚRPURA utiliza-se da linguagem visual para dar destaque aos sujeitos e suas singularidades. Para tal, recorremos ao ensaio fotográfico. A primeira fotografia foi registrada em 1826 pelo autor francês Joseph Nicéphore Niépce a imagem é considerada a primeira foto permanente do mundo. Já a origem do ensaio fotográfico é mais ampla. Existem registros que indicam que em 1886 foi realizada uma entrevista ilustrada por Paul Nadar com o cientista Michel Michel Eugene. E para os autores Magalhães e Peregrino, o fotógrafo André Kertesz publicou o primeiro ensaio fotográfico, ele foi veiculado na revista Berliner Illustrierte Zeitung (BIZ), em 1928, na Alemanha. No Brasil, o primeiro ensaio fotográfico foi publicado pela revista "O Cruzeiro" pelo editor e fotógrafo Jean Manzon. A revista "revolucionou a forma de fazer jornalismo no país, atribuindo à a fotografia – e aos fotógrafos, por extensão – uma importância muito maior que aquela até então oferecida pela imprensa" (CUNHA; PARENTE, 2008, p. 171).

O ensaio fotográfico nos proporciona remeter a subjetividade tanto do indivíduo que está sendo fotografado, quanto a percepção de quem realizou aquele conjunto de fotografias. As fotografias de um ensaio não podem, de forma alguma, ser apenas um emaranhado de imagens. É necessário que haja uma conexão das fotos, algo que as unem, seja de forma concreta ou subjetiva. Como é esclarecido no texto "O conceito do ensaio fotográfico", das autoras Cunha e Parente:

> É através do ensaio que o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho. Ao mergulhar em um ensaio o autor se vê inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens. Exige uma reflexão sobre a conexão entre estas imagens, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho (tendo assim mais efeito que a simples exposição de tudo que se pode revelar a respeito do assunto em questão) e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, seu apreciador. (CUNHA e PARENTE, 2008)

Para a elaboração de um ensaio fotográfico é necessário planejar e desenvolver uma pesquisa visual e textual sobre a temática abordada. As referências potencializam o que o fotógrafo trará de novo no seu ensaio e ajuda a entender qual a sensação que se pretende despertar no seu público alvo. Diante disso, a PÚRPURA realizou uma pesquisa visual abrangente para a realização de cada ensaio, devido à pluralidade de sujeitos presentes na

revista, cada sessão fotográfica foi pensada minuciosamente para que cada indivíduo fotografado se sentisse efetivamente representado na revista. Além do leitor desenvolver uma narrativa positiva de cada história relatada na revista e consequentemente, a ruptura de paradigmas e estigmas sociais.

O principal objetivo do gênero jornalístico perfil é o enfoque no sujeito abordado, ele constrói uma narrativa e tem como foco despertar empatia no leitor. Para Pereira, "perfil [é] matéria de caráter biográfico que retrata concisamente momentos de uma vida, através de entrevistas, descrições, narrações de episódios marcantes" (PEREIRA, 2015,p.57). A revista PÚRPURA utiliza o principal aliado do perfil, que é o relato dos fatos detalhados da vida do indivíduo e do seu comportamento durante a entrevista, em conjuntura com as fotografias realizadas, que segundo Vilas Boas"os perfis movimentam sentidos a partir da observação dos personagens enfocados" (VILAS BOAS, 2003, p.19) , ou seja, o leitor desenvolverá uma sensibilidade por meio da leitura e visualização das imagens.

Por fim, destacamos o papel da infografia. da palavra infografia vem do próprio significado da palavra, a expressão é originária do termo em inglês *"infografic"*. De acordo com a autora Ribeiro,

> [...] a expressão vem do termo inglês infographic, uma redução de information graphic, que significa informação gráfica. Em português, o termo "grafia" denota escrita ou registro e "info" remete a informação. Desta construção, diz-se que infográfico é "informação + gráfico", geralmente interpretado como uma imagem acompanhada de texto. (RIBEIRO, 2008, p. 160)

A revista PÚRPURA busca justamente informar não somente através de blocos textuais, mas por meios da infografia, no qual podemos usar uma massa textual mais sucinta, porque as imagens irão oferecer um suporte para que o leitor crie uma narrativa e absorva as informações completas. Diante disso, nós jornalistas, temos que nos precaver para adicionar elementos gráficos que contemplem a reportagem na busca pela veracidade dos fatos. Segundo Teixeira, as notícias devem possuir "elementos de uma construção mais complexa que agrega todas as questões e impasses deontológicos próprios do jornalismo ao também descreverem objetos, personagens, fenômenos."(TEIXEIRA, 2010, p.201) A revista PÚRPURA busca justamente inserir elementos textuais e não textuais no intuito explicativo, para que em conjunto ofereça ao leitor conhecimento de sentido completo.

4. PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO

A revista PÚRPURA se propõe, desde sua concepção, a trazer uma discussão mais atual acerca das diversas questões que permeiam a vivência de pessoas da comunidade LGBTQIA+. Pessoas estas muitas vezes silenciadas pela mídia tradicional que, quando retrata essas experiências, o faz na maioria das vezes com uma grande carga de estereótipos e preconceitos. A proposta de projeto editorial da PÚRPURA nasce, então, da ideia de trazer essa discussão para um lugar de incômodo e ressignificação de signos que fazem parte do nosso cotidiano, mas que são questionadas ou tiradas quando incorporadas à uma comunidade historicamente marginalizada.

4.1. Projeto editorial

4.1.1. Nome

A concepção desta revista surge da necessidade de transformação das vivências da comunidade LGBTQIA+ em protagonismo e inspiração. O nome PÚRPURA faz referência ao movimento Mão Púrpura, ocorrido em 31 de Outubro de 1969. Neste dia, membros da *Gay Liberation Front e da Society for Individual Rights* organizaram uma marcha de protesto em resposta a uma série de artigos publicados pelo jornal diário norte-americano *San Francisco Examiner*. No ato, os manifestantes despejaram baldes de tinta sobre o edifício do jornal, escrevendo slogans e estampando mãos na cor púrpura em várias áreas da cidade de São Francisco, Califórnia.

4.1.2. Princípios editoriais

Nossas pesquisas reforçaram todos os anseios que nos levaram a conceber a estrutura da revista. Estarmos imersos no país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo[19] faz com que sintamos a necessidade constante de reafirmar as mais diversas formas de vida e

[19] Estudo do Grupo Gay da Bahia mostra que em 2017 foram registrados 445 homicídios motivados por homofobia, e a estatística do país é de 1 LGBTQIA+ morto a cada 19 horas. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/brasil-mais-mata-lgbts-1-cada-19-horas/. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

performatividade. O masculino, o feminino, a homo/bi/pan/assexualidade, a teoria queer, a travestilidade, a cis e a transgeneridade, o movimento drag queen, a performance, o trânsito e a exploração do gênero são nossos principais objetos de pesquisa na construção dos conceitos que compõem as páginas da PÚRPURA. Ao longo do produto expusemos as mais diferentes vivências, experiências, conquistas e traumas de pessoas imersas em todas as questões que constroem possibilidades subjetivas que vão muito além das concepções usuais do sexo, gênero e sexualidade.

4.1.3. Linha editorial

O intuito com a construção da PÚRPURA é, justamente, explicitar que as características que compõem as mais distintas sexualidades e identidades não são delimitadores ou fatores depreciativos, mas pontos de força e sinais de virtudes adquiridas com as vivências. O conteúdo foi constituído a partir de três eixos principais: sexualidades, gêneros e performance, dispostos em matérias que exploraram distintas ferramentas visuais e comunicacionais.

A proposta de construção estrutural da revista se pautou na força que os movimentos LGBTQIA+ adquiriram ao longo dos anos e ao redor do mundo. Os cuidados com a sua construção estiveram presentes, principalmente, na busca por dois pontos principais e, de certo modo, distintos: a identificação daquele lugar enquanto espaço representativo das pessoas que vivenciam as mesmas questões ali retratadas, e ao mesmo tempo a compreensão da necessidade de universalização destes espaços por meio daqueles que não possuem as mesmas vivências.

A imprensa, historicamente, invisibiliza ou mostra sobre prismas limitados aqueles/aquelas que não se enquadram nas normas de gênero e sexualidade socialmente definidos. Muitas vezes as nuances da sexualidade e do gênero atuam como delimitadores das vidas destas pessoas, sendo expostas como fatores negativos ou até de depreciação, mesmo que diante de fatos positivos.

> [...] percebe-se que as narrativas jornalísticas sobre a homofobia, mais do que a revelação de casos singulares, estão indicando modos de organização das sexualidades. Tais acontecimentos, quando apreendidos pela produção noticiosa, passam a conter uma carga social que não se esgota na singularidade do fato relatado. Potencialmente, a leitura está apontando na

> direção de reconhecimento, pelo leitor, de fatos que projetam um desenho de sociedade. Do mesmo modo, os silêncios sobre a homofobia,suas práticas e suas conseqüências compõem o universo dos "discursos" das mídias, à medida que não falar sobre um determinado tema não é simplesmente desconhecê-lo, mas resulta de uma escolha consciente, marcada, no mínimo, por "critérios de noticiabilidade", nunca neutros, apesar de dotados de uma suposta racionalidade. (LEAL; CARVALHO, 2009 p.8)

Buscamos mostrar com o produto final, portanto, que todas estas características imersas nas mais distintas identidades de gênero e orientações sexuais não são limitadores de quem somos ou de até onde podemos ir, mas o impulso para o rompimento de barreiras e principal ponto da construção do eu genuíno.

4.1.4. Missão, visão e valores

Missão: Estabelecer uma vertente de comunicação midiática diversa, representativa e inclusiva, visando utilizar os espaços da revista não só como produto, mas também como plataforma de visibilidade.

Visão: Contribuir diretamente com os debates que incluam a comunidade LGBTQIA+ através de histórias, vivências e relatos.

Valores: Diversidade: o ser humano é único, dono de si e livre para viver suas subjetividades e escolhas, e cabe a cada um de nós a construção de uma sociedade tolerante e diversa;

Respeito: cada pessoa carrega dentro de si histórias, vivências, sentimentos, traumas e cicatrizes que merecem, acima de tudo, respeito;

Representatividade: é preciso utilizar os espaços de privilégio como plataforma de inclusão, buscando proporcionar àqueles que possuem seus corpos cerceados pela sociedade a oportunidade de se verem no mundo;

Visibilidade: é necessário proporcionar àqueles que estão à margem a oportunidade de serem vistos;

Consciência: cada história de vida é singular, subjetiva e importante.

4.1.5. Público

A proposta de construção estrutural da revista se pauta na força que os movimentos LGBTQIA+ adquiriram ao longo dos anos e ao redor do mundo. Para o desenvolvimento do conceito editorial em todos seus aspectos (visual, textual, etc) foram criadas personas que resumem características em comum entre o público leitor, visando nortear sua construção. A primeira delas se trata de uma pessoa jovem, classe média, parte da comunidade LGBTQIA+, que possui acesso a internet e busca se inteirar a respeito da temática. A segunda persona está na casa dos 30 anos, de classe média, que não teve muito contato com a temática mas que também procura se inteirar sobre o assunto. E a terceira persona não possui a classe social dos anteriores, não teve acesso a discussões acerca das temáticas abordadas e não busca esse conhecimento. Essas três personas ditaram a construção da PÚRPURA já que, textualmente, ela foi desenvolvida para que sua leitura fosse de fácil interpretação e alcance; e, visualmente, ela trouxe elementos que contribuem para essa efetividade na interpretação e absorção, e também para a transmissão da mensagem esperada no conceito da revista.

A revista não se propôs a produzir conteúdo noticioso/comercial, mas sim transmitir em cada uma de suas páginas a identificação com o público através da vivência. Seu conteúdo foi construído por histórias de pessoas que, além de fazerem parte da comunidade LGBTQIA+, possuem suas vidas marcadas pela reafirmação do pertencimento.

Durante uma pesquisa online realizada para definição de público e proposta da PÚRPURA, identificamos que 73,7% dessas pessoas não se sente representado pelo conteúdo de revistas (imagético ou textual), e 89,5% já se sentiu incomodado ao ler algum conteúdo relacionado à comunidade LGBTQIA+ nas publicações comerciais. Estes dados refletem a necessidade de construção de materiais mais representativos e próximos deste público, muitas vezes abordado de maneira genérica ou estereotipada. Ainda de acordo com a pesquisa, 64,3% das pessoas consultadas não compram revistas impressas, enquanto 92,9% utilizam sites para o consumo deste tipo de conteúdo. Entretanto, ainda que tal fato nos tenha apresentado um desafio quanto ao acesso à PÚRPURA, o produto físico amplia de certo modo o alcance da revista, uma vez que oferece a possibilidade de chegar a um público que não consome conteúdo de web, e que representa uma parcela importante na nossa missão de busca pela visibilidade e proposição de discussão mais ampla. Ainda que a PÚRPURA não se destine à produção de conteúdo para a web, as alternativas para o alcance de interesse do

público alvo é a utilização de redes sociais oficiais como forma de divulgação do seu conteúdo. Plataformas como Instagram, Facebook e Twitter atuariam como geradores de interesse através da inserção de material visual diretamente relacionado ao conteúdo do impresso, dentro de estratégias de marketing digital pré-estabelecidas como horários de melhor engajamento, frequência de compartilhamento, concentração de visualização, etc. A pesquisa de opinião anteriormente mencionada foi respondida por 28 pessoas através de um formulário digital, na qual 75% delas possuem entre 19 e 25 anos de idade, 68% se identificaram com o gênero feminino e 25% são estudantes.

4.1.6. Edição 0

A primeira edição da revista PÚRPURA, também chamada de Edição 0, foi produzida a partir de todo o material apresentado nos tópicos anteriores, que dizem respeito ao projeto editorial da mesma.

No que diz respeito à produção gráfica da revista, ela foi pensada como sendo um material exclusivo e colecionável, onde o foco principal, ao contrário de produções impressas tradicionais, não é falar de forma ampla para todos os públicos e pensar de forma comercial. A PÚRPURA se posiciona como sendo um material aprofundado e delicado, que traz principalmente experiências e informações relevantes para se compreender a comunidade LGBTQIA+ como sendo algo plural, diverso e possível, com pautas que precisam ser discutidas por todos, independente de onde se encaixem dentro da sociedade.

A partir disso, a Edição 0 da PÚRPURA traz uma proposta de duas capas, sendo a primeira uma capa em cor sólida, e a segunda uma capa fotográfica com uma das personagens da edição. A ideia é remeter à forma como os livros são consumidos e tidos como objetos de valor, e a decisão de produzi-la impressa também se relaciona com isso, para que haja uma maior conexão entre o leitor e o produto, e uma relação mais afetiva.

As seções foram pensadas para serem norteadoras em possíveis outras edições, onde os gêneros jornalísticos e os elementos verbo-visuais escolhidos, como entrevista, perfil, ensaio fotográfico e reportagem visual, representam a ideia principal da revista de apresentar os personagens e suas questões de forma íntima, real, sempre prezando pela fácil compreensão do conteúdo.

4.1.7. Seções e plano de conteúdo

Por tratar de questões relacionadas à vivência de pessoas LGBTQIA+, foram definidos três eixos principais que abordam temas relevantes para a comunidade, e que, conforme já apresentado, não são comumente retratados de forma assertiva pela mídia tradicional, que apresenta essas experiências com uma grande carga de preconceitos e estereótipos.

Na seção *Sexualidade*, abordamos as vivências e relatos de pessoas que convivem com questões sobre a forma como se relacionam sexualmente com outras pessoas, ou que estão diretamente ligadas a essa expectativa gerada sobre como cada sujeito deve se comportar a partir do seu gênero imposto no nascimento. A forma de se relacionar com outras pessoas é tão plural quanto as pessoas que fazem parte da comunidade. O foco da PÚRPURA nessa seção é justamente apresentar que sexualidades que fogem do heteronormativo também devem ser encaradas de forma natural e tratá-las em um lugar de falha ou escolhas passageiras podem resultar em agressões graves que ficarão marcadas no outro.

Na segunda seção, *Performances*, o foco é apresentar que existem várias possibilidades de se relacionar com o próprio corpo e representar imagens que não necessariamente estão ligadas aos pontos discutidos nas outras seções. A arte é uma ferramenta muito utilizada para explorar outras formas de representação e dentro da comunidade LGBTQIA+ ela possui grande potência quando pensamos em corpos que não se identificam com os padrões estabelecidos, e que se encontram enquanto possíveis dentro dessas representações artísticas.

E, por fim, em *Gêneros*, também são trazidos personagens que mostram a pluralidade existente dentro da ideia estabelecida de binaridade. Pessoas que não se identificam com o gênero imposto no nascimento enfrentam situações específicas ao longo da vida, e essa violência gerada contra esses corpos desviantes da norma possui relação direta com números importantes para compreendermos a forma como nos relacionamos com as diferenças.3.3 - Plano de conteúdo

A partir do conteúdo apresentado, foram definidas pautas que se relacionassem com a proposta de cada seção. Abaixo, um descritivo dos materiais que constituem a edição zero da revista:

Sexualidades

1. *Entrevista com ensaio*

Entrevista realizada com uma mulher bissexual, Franciny Soares, onde foram abordadas questões que perpassam seu cotidiano e seus relacionamentos afetivos e sexuais, além de estígmas ligados às pessoas bissexuais.

2. *Infográfico sobre assexualidade*

Com o foco de tornar mais didática uma questão pouco levantada sobre as letras presentes na sigla LGBTQIA+, foi desenvolvido um infográfico contendo dados importantes para a compreensão da assexualidade e suas particularidades.

3. *Entrevista*

Entrevista realizada com Maria José Silva, mãe de duas mulheres lésbicas e um homem gay, na qual buscamos apresentar a visão de uma mãe sobre as questões relacionadas à sexualidade e às vivências que perpassam o dia a dia de sua família. Para a matéria foram utilizadas fotos de arquivo pessoal da entrevistada.

Gêneros

1. *Entrevista com ensaio*

Apresentamos uma entrevista com um homem trans, Lucas Gabriel, abordando suas vivências e experiências, acompanhada de um ensaio fotográfico.

2. *Reportagem Especial*

A matéria e o texto visual sobre o vírus da imunodeficiência humana (HIV) oriunda de uma ampla apuração de dados, tem como principal objetivo a busca pela quebra de paradigmas sociais numa sociedade extremamente segregadora quando o assunto é o ser soropositivo. Estamos em um país que é pioneiro em pesquisas científicas acerca do tema, porém, faltam políticas públicas que visam a conscientização sobre o vírus em conjuntura ao rompimento de estereótipos do HIV ser “uma doença gay”, estigmas surgidos na década de

90 presentes até hoje na sociedade. Discurso controverso, pois a população, independente de gênero, sexualidade, pode adquirir o vírus quando realiza relações sexuais sem proteção. A reportagem visual busca trazer um conteúdo informativo que abarca o tema de maneira não estereotipada e apresenta as vivências de pessoas soropositivas e não-soropositivas.

A matéria é composta por um texto de abertura, que contextualiza a epidemia de HIV/Aids no Brasil e no mundo utilizando como ponto de partida a abordagem de veículos de comunicação, como a Revista Veja, e produções audiovisuais que abordam o tema. Contém, também, material infográfico que expõe através de uma linha do tempo o caminho da epidemia e das políticas públicas contra o avanço do vírus.

A fim de aproximar a temática do público, a matéria é encerrada com três entrevistas, dispostas em dois temas distintos: HIV/Aids, ativismo e maternidade, e o relacionamento de um casal sorodiferente. Na primeira entrevista, a personagem é Vanessa Campos, ativista da causa de pessoas vivendo com HIV/Aids, mãe de três filhos e soropositiva há mais de 30 anos. A segunda entrevista, que aborda o tema do relacionamento sorodiferente, traz como personagens o casal Adilson Araújo, que vive com HIV há cerca de 4 anos, e Geovani Estevam, que não vive com o vírus.

Performance

1. *Ensaio Fotográfico*

Ensaio realizado com Vitória Monroe, drag que reside em Ouro Preto e graduanda em Artes Cênicas pela UFOP, que ficou conhecida após produzir uma roupa que remete às igrejas da cidade mineira onde reside, fazendo assim uma crítica à forma como a religião possuiu e possui grande influência nas questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+.

2. *Ensaio Fotográfico*

Apresentamos um ensaio com a personagem da capa, Bella La Pierre, uma mulher cis que se apresenta como drag queen, subvertendo noções convencionais da expressão artística do universo *drag*. Bella La Pierre reside em Belo Horizonte, e se encaixa no conceito estabelecido de levantar questionamentos quanto às ideias fixadas na concepção comum de que a arte *drag* é algo a ser executado exclusivamente por homens gays.

Uma das principais motivações para a realização do ensaio com uma mulher cisgênero que realiza esse tipo de performance, além do questionamento anteriormente citado, é a ideia

da definição de gênero antes mesmo do nascimento. Essa ideia de heterossexualidade compulsória é trabalhada por Butler, que diz

> Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a natureza sexuada ou um sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo" (BUTLER, 2012, p. 25).

O ensaio com Bella traz, além das imagens, um diálogo com informações importantes relacionadas ao cenário drag contemporâneo e cultura pop. Ao longo da história, os dois universos se cruzaram em vários momentos, e essa influência é perceptível em vários aspectos da forma como a artista performa sua personagem.

4.1.8. Número de páginas

A edição zero da PÚRPURA possui 76 páginas, sendo 20 destinadas à seção *Sexualidades*, 24 para *Performances*, 6 para *Gêneros*, 18 para a matéria especial sobre o HIV/Aids, e as 8 restantes para capa e contracapa, expediente, índice, carta ao leitor e agradecimentos. A entrevista que abre a revista e a reportagem especial sobre HIV possuem uma maior quantidade de páginas com relação às demais matérias, 12 e 18 respectivamente, por uma escolha editorial de dar maior protagonismo a estas dentro de suas seções, visto a importância de cada uma para as discussões levantadas e informações trazidas pelos personagens.

4.2. Projeto gráfico

4.2.1. Logotipo

É preciso abordar primeiramente a logo da revista para que possamos identificar outro recurso visual utilizado em todas as páginas da revista: o asterisco que marca o fim de cada matéria e está presente ao longo da publicação. A logo da PÚRPURA foi pensada para trazer sentimentos de seriedade e elegância ao se apoiar em uma tipografia de largura fixa sem

serifa, chamada Hidenburg, que coloca todas as letras em simetria, encaixando-as em uma caixa com um elemento visual escapando desses limites.

A proposta da logo é trazer uma ideia de indivíduos limitados por uma barreira, não suficiente para impedi-los de escapar. Para isso, o acento agudo da palavra foi substituído por um asterisco (*), elemento bastante utilizado para censurar letras em palavras e deixá-las ilegíveis. O asterisco é ressignificado, então, como sendo o elemento visual que resume a PÚRPURA, que aborda relatos e histórias de pessoas que precisam conviver com o constante silenciamento dentro e fora da comunidade, e que constantemente precisam buscar uma posição fora dos limites imaginários estabelecidos para a sua existência.

O asterisco se torna, então, um elemento visual importante da identidade visual e editorial da revista, que será abordado posteriormente, e também cumpre um papel de logo secundária ao lado da letra U de “púrpura”, por sua maior facilidade de redimensionamento e aplicação por ser uma forma com dimensões menos horizontalizadas, como é o caso da logo principal.

Figura 7: Logotipo da revista PÚRPURA

Figura 8: Versão simplificada do logotipo da revista PÚRPURA

4.2.2. Paleta de cores

Um dos primeiros tópicos a serem abordados na definição da identidade visual da revista PÚRPURA foi a discussão relacionada às cores do produto. A comunidade LGBTQIA+ é representada por uma bandeira construída a partir da junção de cores e dos significados que cada uma delas carrega. A bandeira do arco-íris original, produzida pelos ativistas norte-americanos Harvey Milk e Gilbert Baker, este último também designer, no fim dos anos 1970, trazia em sua composição 8 cores, e nasceu do desejo de Milk de substituir os triângulos rosa, utilizados como forma de identificar pessoas homossexuais nos campos de concentração nazistas, nos protestos e movimentos que eram realizados por pessoas da comunidade, e criar, assim, um símbolo que representasse esse movimento.

Este foi o ponto de partida para a definição das cores que carregariam a mensagem da PÚRPURA e que seriam as responsáveis por transmitirem as mensagens e sensações esperadas nos leitores. Segundo Farina, Peres e Bastos (2006, p.13), “a cor exerce uma ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir”.

Figura 9 - Bandeira LGBTQIA+

Fonte: Hypeness, 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/07/como-e-porque-nasceu-a-bandeira-arco-iris-do-movimento-lgbtq-e-o-que-harvey-milk-tem-a-ver-com-isso/>. Acesso em 27 de mar. de 2021.

Uma das propostas da PÚRPURA é a de causar um estranhamento por parte do leitor, e a cor possui um papel fundamental nesse processo. O uso das cores faz parte de nossa história desde muito cedo e questões sociais são, muitas vezes, responsáveis pela forma como nos relacionamos com elas. Para Farina, Peres e Bastos (2006, p.25) "a atitude de um indivíduo frente à cor se modifica por influência do meio em que vive, sua educação, seu temperamento, sua idade etc". A heteronormatividade e o machismo possuem grande influência na relação individual que desenvolvemos com as cores, e o processo de empoderamento também é visto na ressignificação de determinadas cores, como o rosa, que é tido como do universo feminino, e o azul do masculino. A escolha das cores, portanto, é diretamente influenciada por costumes sociais, e "é indiscutível que o homem vai acumulando em sua memória experiências que o definem e o fazem agir de determinadas maneiras no decorrer de sua vida" (FARINA; PERES; BASTOS, 2006, p. 94).

Em 2019, a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Regina Alves, levantou novamente essa discussão acerca do uso das cores à partir do gênero ao dizer em seu pronunciamento a frase "meninos vestem azul e meninas vestem rosa", que reforça um discurso conservador onde o gênero é associado a cores pré-determinadas até mesmo antes do nascimento.

Analisando historicamente em nosso país, a associação do rosa ao feminino teve grande influência das publicações da revista Capricho, onde João Paulo Baliscei e Vinícius Stein (2019, p.8) trazem dados de uma pesquisa realizada por Raquel Miguel com edições das décadas de 1950 e 1960, na qual "é possível verificar o uso da cor rosa como pedagogia de gênero e sexualidade que confere predicativos dóceis e maternos às mulheres retratadas".

Ainda segundo Baliscei e Stein,

> A abordagem histórica e artística do uso generificado das cores também pode ser aproximada das ações e reações aos movimentos feministas do século XX. Conforme descreve Passarelli (2018), entre os anos 1960 e 1980, o rosa foi arbitrariamente empregado na caracterização das meninas cujos/as familiares mostravam-se contrários/as às proposições do movimento feminista que visavam questionar os estereótipos de gêneros e os papéis tradicionais que as mulheres eram cobradas a desempenhar. Logo, como um imperativo, a adoção do rosa para caracterizar as meninas soou como uma reafirmação dos valores defendidos por grupos mais conservadores (BALISCEI; STEIN, 2019, p.9)

A fala da Ministra parte, portanto, de um lugar historicamente carregado de preconceitos e estereótipos que refletem um discurso pregado há várias décadas por classes conservadoras. O machismo presente nessa fala reforça a ideia equivocada de que o gênero e a sexualidade sofrem influência direta de fatores externos, como o uso de determinadas cores, por exemplo, dando força para que discursos de ódio e outras agressões sejam direcionadas a pessoas que não se encaixam nos padrões binários e heteronormativos vigentes na sociedade.

Seguindo essa ideia sensorial das cores e do simbolismo em relação às vivências da comunidade LGBTQIA+, cada eixo da revista foi desenhado a partir de uma cor presente na bandeira LGBTQIA+. A escolha se deu a partir de uma análise do significado de cada uma delas, associando-os com a linha editorial de cada seção.

Púrpura/Lilás: Além do movimento já citado anteriormente, que carrega essa cor como uma de suas principais características, a cor historicamente remete à nobreza. Ela possui conexão com a estabilidade, por ser uma cor que na sua produção artesanal não era afetada pela luz e, por isso, remete à eternidade. A cor, portanto, foi escolhida como sendo o principal pilar da revista pelo seu significado e relação com a comunidade, que precisa se manter firme frente às adversidades, e lutar para que as batalhas vividas no passado não se repitam e não sejam apagadas.

Vermelho: Dentro da ideia inicial da construção da bandeira do arco-íris, o vermelho trazia a ideia de vida, e ainda hoje associado a isso. A cor também pode ser relacionada ao proibido e à revolução, e por este motivo foi designado à editoria de Sexualidade, que trata do desejo e das questões que cercam a palavra em sua principal definição.

Laranja: Enquanto “o amarelo é a cor da perfeição, a cor de todas as qualidades” e “o vermelho é a cor da felicidade e do poder” (FARINA; PERES; BASTOS, 2006, p.100), o laranja representa a transformação, segundo os autores. Dentro da bandeira, a cor representa a cura e o poder. E a combinação de todos esses pontos se relaciona com a editoria para o qual o laranja foi designado, Gêneros, onde é discutido o reposicionamento de pessoas que vão contra o conceito de binarismo, e que precisam se reafirmar como corpos possíveis e reais.

Azul: Na bandeira dos ativistas norte-americanos, o azul, ou turquesa, simbolizava as artes e o amor pelo artístico. A editoria de Performances aborda como o corpo e as

particularidades dos gêneros masculino e feminino podem ser ressignificados e transmitir mensagens a partir de demonstrações artísticas onde o sexo biológico ou qualquer outra definição de gênero não são fatores limitantes.

A escolha das cores também parte de princípios técnicos que vão além dos conceitos acima estabelecidos. O uso do azul, por exemplo, quando empregado como cor de fundo, "pode trazer para a marca uma maior sobriedade e sofisticação, desempenhando a função de empurrar as figuras principais para frente, caso haja" (FARINA; PERES; BASTOS, 2006, p. 102). Como um dos propósitos da PÚRPURA é o de dar protagonismo aos personagens, essa particularidade da cor se torna uma forte ferramenta para dar destaque à arte drag que está sendo apresentada na seção da na qual a cor azul foi escolhida para estar presente.

A cor também é utilizada como recurso de contraste, auxiliando na legibilidade, ou até mesmo na ausência intencional de legibilidade em determinados momentos. Apesar de trazer uma proposta de experimentação e fuga dos modelos convencionais de produção impressa, houve uma decisão editorial de manter cores clássicas como o uso do branco e preto nas páginas a fim de facilitar a leitura, pois a capacidade de compreensão dos materiais por parte de públicos que não têm acesso a discussões como as levantadas na revista também é um dos pilares que sustentam a produção.

Conforme FARINA, PEREZ e BASTOS (p. 127, 2006), "a identidade visual de uma empresa é a declaração visual do seu papel e missão", e a PÚRPURA traz consigo uma tarefa de levar histórias e informação ao mais diverso grupo de pessoas possível, sem deixar de apresentar as particularidades de uma comunidade tão plural e colorida, tudo isso com um design que seja condizente com a proposta de trazer uma revista moderna e que se diferencie da forma como o assunto é abordado.

4.2.3. Grid

Elementos gráficos como fios e formas geométricas foram utilizados com a finalidade de tornar a produção harmônica, e definem a identidade visual do projeto. Os fios estão presentes em todas as páginas, a começar pelo índice, onde é o responsável por limitar cada uma das seções da revista. Ao longo das outras páginas, ele está sempre presente limitando o conteúdo textual dos títulos, e também marcando o fim da página.

Figura 10: Exemplificação do uso de fios à partir do espelho da revista PÚRPURA

SEXUALIDADE

BISSEXUALIDADE LEGITIMADA?

Até onde os estereótipos impostos sobre pessoas bissexuais afetam suas relações e identidades

texto e fotos por Gabriel Lage

A discussão acerca da invisibilidade de cada uma das letras da sigla LGBTQIA+ é levantada frequentemente, seja pelo fato de o suicídio entre as pessoas da comunidade ter quadruplicado em dois anos, ou pelo elevado número de assassinatos de pessoas trans que, em 2018, alcançaram a marca de 163 casos noticiados. E no meio disso tudo estão os bissexuais, lutando para serem vistos e ouvidos tanto dentro quanto fora da comunidade que os apaga.

A expressão "o B não é de Biscoito" pode soar para muitos como uma brincadeira, mas ela traz uma grande carga do que é enfrentado pelas pessoas bissexuais que têm sua sexualidade invalidada a todo momento pelo fato de não se encaixarem em nenhuma das normas estabelecidas socialmente. É preciso então discutir a bissexualidade para muito além da competição existente dentro da comunidade que a todo momento tenta definir qual das letras mais sofre com a ignorância e com as chances de ser vítima de crimes de ódio.

Franciny Soares é uma mulher cis, nascida na cidade de Medina no Vale do Jequitinhonha, norte de Minas Gerais, graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Franciny é, também, bissexual. A última informação citada não é o que define a mulher forte que, aos 23 anos já possui um diploma e uma bagagem extremamente rica e pesada, mas no cenário atual, em que os corpos políticos precisam a todo momento reafirmar sua existência para serem resistência, esse ponto precisa ser levantado para que possamos de fato começar uma discussão com potência suficiente para dar início à uma mudança necessária.

Foi justamente pensando nessa mudança, e em uma voz capaz de trazer uma discussão que fosse muito mais longe do que normalmente é retratado na mídia, que a PÚRPURA trouxe Franciny para falar sobre questões que rodeiam sua sexualidade, e quebrar, assim, estereótipos relacionados à bissexualidade.

6

7

As cores, anteriormente discutidas, foram responsáveis por identificar cada uma das seções da revista, e ao longo de todas as páginas, formas simétricas como quadrados e retângulos complementam as fotografias e preenchem os espaços das páginas. Recursos visuais como fotografias e outros ícones gráficos serão abordados no próximo tópico, mas é importante destacar a presença do asterisco, que marca o fim de cada matéria, além de identificar as seções com as respectivas cores de cada uma.

A definição de grid das páginas não seguiu padrões conforme realizados em outras publicações impressas, como a utilização apenas de duas ou três colunas ao longo de toda a produção, onde os elementos são sempre dispostos em uma mesma posição. As páginas foram pensadas como sendo materiais individuais, que se complementam quando vistos como parte do todo. Cada página segue sua própria linha de produção mas sempre dentro da identidade visual proposta, no que diz respeito ao uso de imagens para ilustrar na abertura de cada matéria, o uso de 1 ou 2 colunas podendo ser elas de mesmo tamanho ou não, sempre levando

em consideração pontos que tornem sua legibilidade acessível, e que transmitissem a mensagem de forma eficaz.

Figura 11: Exemplificação da aplicação de grid à partir do espelho da revista PÚRPURA

Ao passo que um grid mais tradicional como o uso de duas colunas, que deixam o material mais simples e organizado, foi utilizado em matérias com maior densidade textual, como na entrevista com Maria José, "Expectativas da Maternidade", na seção de *Sexualidades*, em *Performances* os textos "Vitória Monroe" e "Bella La Pierre" seguiram uma linha de grid modular, onde as peças se encaixam livremente e o texto cumpre um papel de complemento das imagens, dando espaço para que outros elementos visuais, como as cores, por exemplo, tenham maior destaque.

Figura 12: Exemplificação da aplicação de grid modular e cor à partir do espelho da revista PÚRPURA

A produção dos infográficos também acompanha moldes mais clássicos de organização dos elementos, visto que seu conteúdo aprofundado precisou ser disposto e agrupado de forma hierárquica para que a linha de raciocínio da matéria fosse mantida, e a mensagem da pauta alcançasse o seu objetivo informativo.

O primeiro infográfico apresentado, na seção *Sexualidades*, trata sobre as variações existentes dentro do espectro da assexualidade. Por serem muitos termos, foram selecionados alguns dos mais relevantes, e estes dispostos na página dentro de caixas que pertencem a um círculo principal que carrega as cores da bandeira da assexualidade.

O segundo infográfico aborda momentos importantes na história ao longo dos 40 anos desde a primeira descrição da Aids em 1981. As 28 datas foram dispostas em uma linha do tempo de forma cronológica, e a cor vermelha foi escolhida para ser a principal do infográfico por ser a cor que representa a luta contra o HIV em campanhas como o dezembro vermelho.

Uma tonalidade mais clara de vermelho marca na página as décadas e as separa entre 1981 a 1990, 1991 a 2000, e 2001 a 2019.

Silva diz em sua obra que “a diagramação implica, hoje, um processo criativo” (1985, p.43), e essa maior liberdade criativa de trabalhar de forma mais fluida com os elementos da diagramação acompanham a identidade visual da revista. Por não cumprir uma agenda comercial, a PÚRPURA se coloca em um lugar de experimentação, fugindo de obrigações estéticas vistas em outras publicações já existentes.

4.2.4. Tipografia

A tipografia consiste na produção gráfica dos caracteres levando em consideração fatores importantes historicamente como impressão e acabamento. Esses pontos foram importantes para a evolução dos tipos pois, conforme LUPTON (2006, p.13), “A história da tipografia reflete uma tensão contínua entre a mão e a máquina, o orgânico e o geométrico, o corpo humano e o sistema abstrato”.

Para a produção da PÚRPURA, foram escolhidas fontes que não remetessem à forma clássica como as revistas impressas são produzidas. Publicações tradicionais trabalham com fontes com serifa no corpo do texto das páginas, mas foi escolhida uma fonte de estilo moderno sem serifa, chamada *MankSans*, para que o texto se apresentasse leve e dinâmico.

Para a produção dos títulos, foram selecionadas três fontes bem distintas entre elas, para que fosse possível criar uma variação na visualidade de cada página. A primeira fonte, *Walkway Bold*, se assemelha à fonte do corpo do texto por também não possuir serifas. A segunda, Oranienbaum, já traz uma estética mais histórica por apresentar serifas e um corpo mais alongado. Porém, as serifas se diferem das presentes em fontes mais clássicas como *Times New Roman* e *Georgia*, onde os traços da fonte escolhida possuem quebras e curvas que trazem um aspecto moderno. A terceira fonte, *Lionello*, também não possui serifa e se assemelha a *Oranieinbaum* por possuir um corpo mais longo. Essa fonte foi escolhida pela sua largura fixa e destaque criado quando inserida na forma de título.

Apesar da busca por uma estética moderna, foi necessário considerar a legibilidade na escolha das fontes. A decisão de não utilizar fontes serifadas no corpo do texto precisou ser

equilibrada com outros pontos do grid para que houvesse áreas de respiro nas páginas, não comprometendo assim a experiência do leitor.

4.2.5. Imagens

O papel de uma imagem dentro de uma proposta como a da revista PÚRPURA pode ir muito além de ser apenas um elemento ilustrativo. Os autores Gavin Ambrose e Paul Harris definem em seu livro "Imagem" que esse recurso desempenha várias funções, "como transmitir o drama de uma narrativa, resumir e apoiar ideias de um texto ou apenas quebrar visualmente um bloco de texto ou espaço vazio" (AMBROSE e HARRIS, 2009, p. 6)

Seguindo o conceito editorial da revista, em que são apresentados personagens que se relacionam diretamente com as temáticas abordadas ao longo das pautas, a imagem desempenha um papel importante de transmitir uma mensagem e ilustrar o que está sendo narrado nas páginas. A PÚRPURA se propõe a dar visibilidade a rostos comumente apagados dentro da comunidade LGBTQIA+, ou que, devido a outras questões sociais, são substituídos por corpos dentro de padrões heteronormativos cisgêneros, que atravessam diretamente a forma como esse grupo de pessoas é representado e homogeneizado em diversos pontos, como cor, gênero, etc.

Para a elaboração de um ensaio fotográfico é necessário planejar, desenvolver uma pesquisa visual e textual sobre a temática abordada. As referências potencializam o que o fotógrafo trará de novo no seu ensaio e ajuda a entender qual a sensação que se pretende despertar no seu público alvo. A utilização das imagens devem, portanto, seguir uma proposta definida a partir do impacto que se deseja causar e qual o público-alvo que deverá receber essa mensagem.

A mídia convencional tende a retratar corpos trans, por exemplo, de uma forma bastante específica, estereotipando traços do corpo destas pessoas que deixam evidente sua transgeneridade. É o caso das *capas das revistas Tpm,* com a doutora em literatura Amara Moira, e da *Men's Health* com o ativista norte-americano Aydian Dowling.

Figura 13: Capa da edição 172 da TPM

Fonte: Blog de Alberto Villas. Disponível em <https://albertovillas.com.br/2017/09/13/leitura-recomendada-147/>. Acesso em 27 de mar. de 2021.

Na primeira, a edição 172 da *Tpm*, publicada em setembro de 2017, Amara é retratada completamente nua, exibindo seus seios que vão contra a ideia enraizada na sociedade de que mulheres transexuais e travestis precisam realizar uma mamoplastia para aumento dos seios. E na segunda, Aydian, que participou de uma competição com outros quatro homens onde seria escolhido quem estamparia a capa da edição de novembro de 2015 da Men's Health, aparece em fotos sem camisa exibindo as cicatrizes da mastectomia, procedimento cirúrgico para a remoção das mamas realizado durante o processo de readequação de gênero.

Figura 14: Aydian Dowling para a edição de novembro de 2015 da revista Men's Health

Fonte: Attitude. Disponível em: <https://attitude.co.uk/article/trans-model-aydian-dowling-misses-out-on-mens-health-cover/8469/> Acesso em 27 de mar. de 2021.

Tais exemplos foram utilizados como forma de definir a angulação dos ensaios fotográficos realizados para o projeto. O foco das fotografias é dar protagonismo a esses corpos, subvertendo a forma como são comumente representados, mostrando que há uma série de outras características que fazem parte de sua existência. E esse destaque aos personagens se apóia a partir do enquadramento, posicionamento e disposição das fotos ao longo da publicação.

Figura 15: Exemplificação do uso de fotografia e enquadramento à partir do espelho da revista PÚRPURA

O ensaio fotográfico nos proporciona remeter a subjetividade tanto do indivíduo que está sendo fotografado, quanto a percepção de quem realizou aquele conjunto de fotografias. As fotografias de um ensaio não podem, de forma alguma, ser apenas um emaranhado de imagens. É necessário que haja uma conexão das fotos, algo que as unem, seja de forma concreta ou subjetiva. Como é esclarecido no texto *"O conceito do ensaio fotográfico"*, das autoras Beatriz Cunha e Cristina Parente:

> É através do ensaio que o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho. Ao mergulhar em um ensaio o autor se vê inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens. Exige uma reflexão sobre a conexão entre estas imagens, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho (tendo assim mais efeito que a simples exposição de tudo que se pode revelar a respeito do assunto em questão) e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, seu apreciador." (CUNHA e PARENTE, p. 171, 2008)

As fotografias em uma revista são o carro chefe para compor a identidade visual do produto. É necessário que a equipe editorial aplique pesos distintos entre a imagem e o texto de uma reportagem, perfil, ensaio fotográfico, pois as fotografias tendem a complementar a informação textual ou ser o foco principal do produto jornalístico. As imagens da PÚRPURA são produzidas com o intuito de não deixar que o leitor absorva os conceitos das ilustrações de modo estereotipado. As produções foram feitas no sentido de "fugir" do que já é apresentado em outras revistas que abordam o assunto, deixando de lado o senso comum. Por isso, trazemos fotografias que capturam as feições dos personagens, as emoções, procuramos colocar no papel aquilo que a pessoa é, independente da sua orientação sexual e identidade. Algumas imagens ocupam páginas inteiras com o objetivo de trazer com detalhes as emoções dos personagens abordados e despertar no leitor uma sensação de proximidade com aquela história contada. As fotografias vêm com a finalidade de mostrar quem são as nossas personagens das histórias contadas, trazer uma proximidade e uma comoção nos leitores. Como defendido por AMBROSE e HARRIS (2009, p.6) "as imagens desempenham diversas funções, como transmitir o drama de uma narrativa, resumir e apoiar as ideias de um texto".

Mas além dos recursos fotográficos, a revista também possui momentos em que outros elementos visuais foram empregados a fim de ilustrar determinadas pautas e transmitir a mensagem proposta. Nos infográficos, por exemplo, os ícones cumprem um papel importante para representar outros elementos e serem facilmente reconhecidos pelo leitor.

As reportagens visuais possuem grande potência para transmitir determinadas informações ao se dar mais ênfase na linguagem visual em virtude da temática e da natureza dos dados apurados. A partir disso, os infográficos assumem um protagonismo na configuração da informação jornalística por meio da linguagem visual e, segundo Teixeira (2010, p.41), "A infografia, quando bem empregada, pode melhorar a narrativa jornalística e torná-la mais compreensível aos leitores, além de ser algo muito atrativo, como já demonstraram algumas pesquisas.".

Conforme já levantado anteriormente, a compreensão e a acessibilidade da informação são pilares importantes dentro da PÚRPURA, e o infográfico possui essa característica de transmitir informações de forma completa, onde recursos textuais e visuais funcionam de forma complementar

Teixeira (2010) traz um esquema que divide a infografia de acordo com as suas especificidades, que direcionam sua produção a partir da mensagem que se deseja transmitir. Dois dos termos trazidos pela autora se associam à proposta da PÚRPURA: enciclopédicos e jornalísticos independentes.

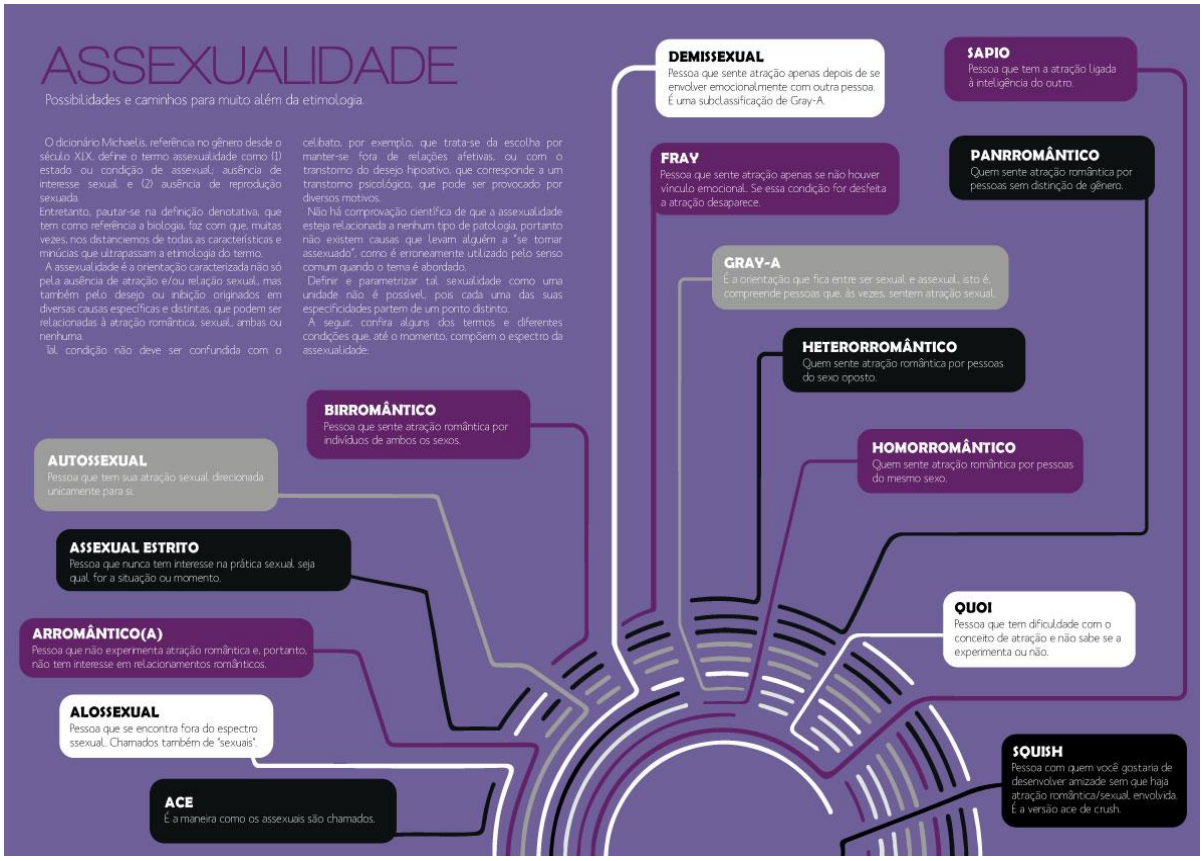
No primeiro, Teixeira (2010, p.42) diz que "na maioria das vezes, os enciclopédicos, por mais que utilizem elementos gráficos de qualidade, são muito semelhantes às figuras que encontramos em livros didáticos, folhetos explicativos, cartilhas ou manuais", o que se aproxima da proposta do infográfico que ilustra as camadas da assexualidade de forma didática e explicativa.

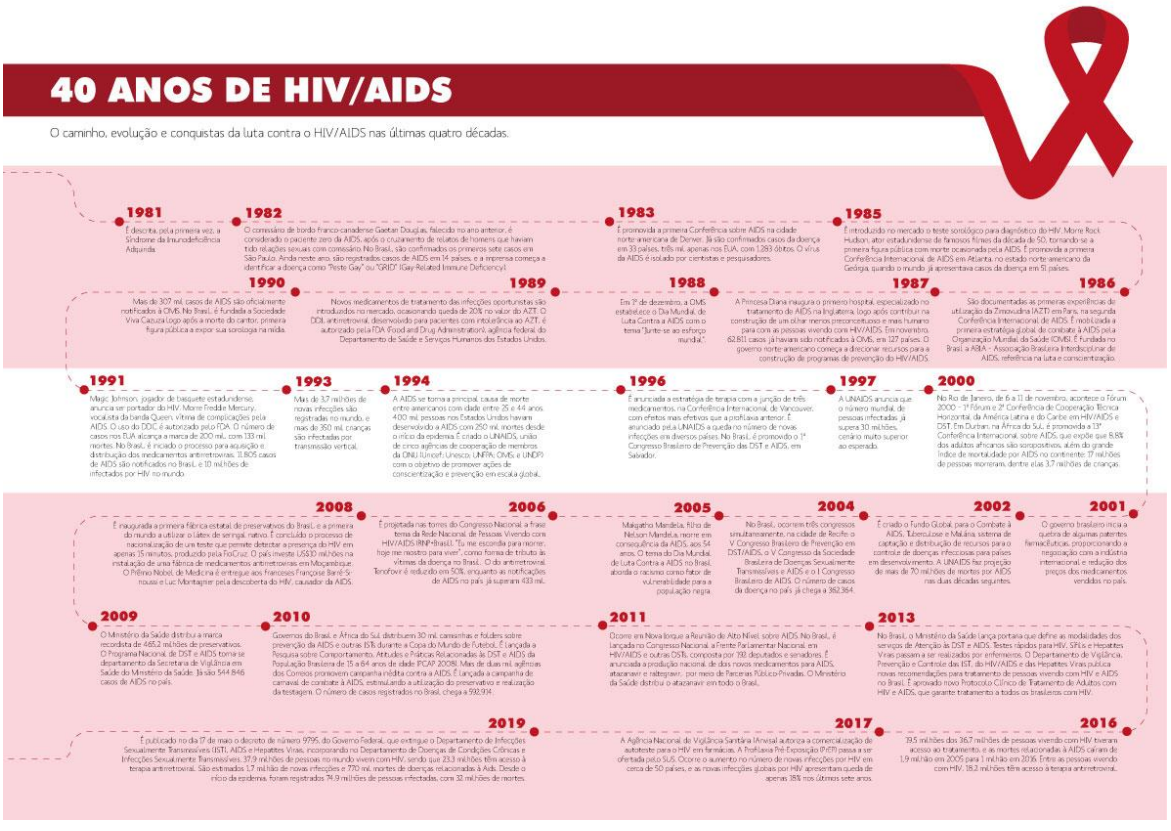
Já o segundo termo abarca um tipo de produção chamada reportagem infográfica,

> [...] que definimos como um tipo de narrativa na qual há um texto principal que funcionaria como a introdução/abertura de uma reportagem, seguido por infográfico ou infográficos. Neste caso, nem infográfico, nem texto podem ser pensados de forma autônoma porque um foi concebido para estar associado ao outro e fazem parte de um só conjunto discursivo que passa ao largo de uma mera relação de complementaridade. (TEIXEIRA, 2010, p.56)

Tal definição pode ser relacionada, portanto, com a reportagem visual que aborda o HIV e personagens que convivem direta ou indiretamente com a soropositividade. O material se constrói, assim como proposto por Teixeira, a partir de uma abertura, seguida por infográficos e outros materiais imagéticos dispostos a fim de trabalharem de forma complementar.

Figuras 16 e 17: Exemplificação de infográficos à partir do espelho da revista PÚRPURA





5. PLANO DE TRABALHO E PAUTA ESTENDIDA

Desde a concepção da Revista PÚRPURA enquanto projeto editorial, ainda na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, nosso intuito era construir um produto que apresentasse uma junção entre as diversas discussões sobre representatividade que desenvolvemos ao longo da graduação, nossas inquietações sobre o tema e o entrelaçamento das nossas histórias individuais. Ao longo do processo de construção da PÚRPURA, a relação que estabelecemos foi de muita parceria, generosidade e carinho, o que proporcionou muita leveza e motivação para que nos mantivéssemos no caminho. A pandemia da Covid-19 que assola o mundo surgiu quando nos encontrávamos na metade do processo de produção, o que fez com que muitos dos nossos planos não pudessem ser concretizados como o esperado. Entretanto, ainda que inúmeras dificuldades e medos tenham se tornado presentes nas mais diferentes esferas das nossas vidas, essa relação que construímos fez com que conseguíssemos atingir nossos objetivos, fazendo da Revista PÚRPURA tudo aquilo que desejamos por anos. Todo o caminho de produção da revista, desde o surgimento da ideia até o último ponto deste memorial, foi trilhado por nós três, em conjunto, e com muito carinho e respeito pelas histórias que nos propusemos contar.

5.1. Carta ao Leitor

A produção da Carta ao Leitor se deu após inúmeras conversas e trocas de pontos de vista entre os membros da equipe e professores que acompanham o desenvolvimento do projeto. A concepção da PÚRPURA é fruto de diversos anseios do trio, concretizados dentro daquilo que acreditamos ser necessário e socialmente relevante. Na Carta, expressamos todos os pontos que nos levaram à produção da revista, bem como as expectativas de alcance do seu conteúdo. O processo se deu de maneira fluida, orgânica e simples, uma vez que nossos objetivos estão alinhados e bem direcionados.

5.2. Entrevistas

Todo o processo de concepção das entrevistas da PÚRPURA teve como principal característica o protagonismo dos personagens de uma forma minimamente diferente da

realizada pela mídia convencional. A entrevista com Franciny, realizada em Mariana na segunda quinzena de novembro de 2019, foi definida para ser uma entrevista em profundidade para dar maior destaque às suas falas e tratar de questões estereotipadas acerca da bissexualidade, visando assim tratar de questionamentos latentes no que diz respeito à vivência de pessoas desse grupo. Nas entrevistas com as drag queens Vitória Monroe e Bella La Pierre, o conteúdo textual foi pensado para auxiliar o material fotográfico, este que possui maior peso dentro do produto final. Portanto, a condução da pauta teve como foco a introdução, apresentação do personagem e tensionamento do mesmo com o tema proposto. A entrevista com Vitória aconteceu logo após a realização de suas fotos em Ouro Preto, em novembro de 2019, e com Bella, em dezembro do mesmo ano, à distância. O processo de produção do perfil com Lucas demandou um contato mais longo, que resultou em uma pauta que trabalhasse questões específicas para a produção do texto. Na matéria sobre maternidade, com Maria José, a entrevista foi feita à distância, uma vez que já nos encontrávamos no cenário de pandemia da Covid-19, o que justifica, também, a utilização de imagens de arquivo. Esta entrevista em profundidade tem como objetivo expor as vivências e experiências de Maria José enquanto mãe de três filhos LGBTQIA+, abordando desde as expectativas da maternidade, até as relações atuais em família e seu engajamento com o projeto Mães Pela Diversidade. Mais uma vez ressaltando, desde a concepção da pauta até a sua realização, todos do trio participaram ativamente de forma conjunta em todas as funções necessárias para o processo.

5.3. Ensaios Fotográficos

Para os ensaios fotográficos das *drag queens* Bella la Pierre e Vitória Monroe, realizados antes da pandemia da Covid-19, eu, Dayara, fiz uma pesquisa visual na internet. As referências utilizadas foram o trabalho do fotógrafo Poul Kurucz, Fernando Cysneiros e o site oficial www.dragofficial.com. A equipe de TCC foi ao shopping Estação, em Belo Horizonte, e utilizou um conjunto de cenários do "Insta BH", programa desenvolvido pela organização que cede um espaço gratuito para o uso da comunidade. O local utilizado para o ensaio da Vitória Monroe foi nas ruas e fachadas da igreja de Ouro Preto, pois o conjunto de espaços conversava com o figurino da *drag queen*, que portava um vestido que remete à arquitetura das igrejas da região dos Inconfidentes.

As fotografias do Lucas Gabriel foram pensadas no intuito de “fugir” do que sempre é feito na mídia convencional, na qual sempre são atribuídos alguns estereótipos aos homens trans. Nesse sentido, foi pensado um ensaio urbano na cidade de Mariana, devido ser a sua cidade natal, e com enquadramentos que valorizassem as expressões do perfilado. A nossa equipe foi ao centro de Mariana e realizou as fotos. No início, o personagem do perfil estava um pouco tímido, mas com um conversa tranquila o mesmo foi demonstrando mais familiaridade com a câmera e o ensaio foi efetivado.

5.4. Infográfico

O infográfico sobre assexualidade foi concebido com a intenção de apresentar um glossário com alguns dos principais termos utilizados pela comunidade assexual. Foi realizada pesquisa em reportagens, artigos acadêmicos e comunidades virtuais que abordam o tema, e selecionados alguns dos termos mais utilizados pela comunidade assexual para apresentação nas páginas.

5.5. Matéria Especial

A matéria especial sobre os 40 anos da epidemia do vírus HIV foi construída tanto pelo marco histórico das quatro décadas, quanto pelas motivações pessoais dos membros da equipe. Pessoas LGBTQIA+, mais especificamente homens cis gays, travestis e mulheres transexuais, são apontados como principais vetores e causadores da disseminação do vírus HIV desde o surgimento da epidemia. Ao concebermos a ideia da revista PÚRPURA, nosso intuito era construir uma matéria que abordasse não apenas pontos importantes sobre a evolução da epidemia ao longo dos anos, a manutenção do estigma e os dados das últimas décadas, mas também proporcionar reflexões mais íntimas e próximas dos nossos leitores.

No dia 1 de fevereiro de 2019, eu, Matheus, descobri ser uma pessoa vivendo com HIV, e o fato fez com que muitas perspectivas que possuía acerca do vírus assumissem um novo lugar. Ainda que já estivesse na universidade e possuísse determinados privilégios quanto ao acesso e usufruto do conhecimento sobre o assunto, o medo tornou-se um sentimento inevitável e as expectativas de um futuro tornavam-se nebulosas. Ao buscar entender como seriam os próximos passos a partir do momento do diagnóstico, me deparei

com números, gráficos e histórias de medo e de morte, quando na verdade procurava por vida. Daquele momento em diante, surgiu o anseio de produzir algo que, além de falar muito do que sentia dentro de mim enquanto repórter, pudesse inspirar e dialogar diretamente com aqueles que viviam a mesma experiência. Eu sentia que precisava construir uma matéria que fosse feita não só de números de infecção e morte, mas também de história, conquista e vida. Além disso, sentia a necessidade de falar, também, sobre a possibilidade de vivenciar o amor enquanto soropositivo, uma vez que trata-se da maior dificuldade enfrentada pelas PVHA hoje devido ao estigma, medo e preconceito. Desde o diagnóstico, Dayara e Gabriel, meus companheiros na construção da revista PÚRPURA, foram muito presentes e importantes, e desde a proposição desta matéria especial compartilhamos da mesma motivação e foco.

O conteúdo da matéria foi produzido a partir de registros históricos, matérias jornalísticas, dados estatísticos e entrevistas com pessoas vivendo com HIV/AIDS. O texto de abertura parte de uma análise crítica sobre a capa da matéria com Cazuza na revista Veja, de abril de 1989, abrindo reflexão sobre a liberdade sexual e o estigma das pessoas vivendo com HIV/AIDS. Em seguida, são apresentados dados técnicos e estatísticos sobre o vírus e a evolução da epidemia ao longo dos anos. É apresentada, também, uma breve análise crítica sobre a série POSE, que aborda a temática na cena *ballroom* de Nova Iorque dos anos 80 e 90, juntamente com a indicação de filmes que também discutem HIV/AIDS a partir de diferentes perspectivas. A seguir, foi construída uma linha do tempo abrangendo os principais marcos dos 40 anos da epidemia no Brasil e no mundo. A pesquisa para construção da infografia foi feita em conjunto, e em matérias de diversos veículos de comunicação, relatórios de ONGs e associações e registros históricos.

Finalizando a matéria, são apresentadas três entrevistas. A primeira com Vanessa Campos, mãe, ativista e pessoa vivendo com HIV/AIDS há mais de 30 anos, e a segunda com Adilson e Geovani, casal sorodiferente. Vanessa expõe suas vivências enquanto pessoa soropositiva, experiências com a maternidade e HIV e engajamento com os movimentos de ativismo e militância. Com Adilson e Geovani, o intuito é apresentar os dois pontos de vista de pessoas vivendo uma relação sorodiferente, bem como explicitar que existe, sim, a possibilidade de encontrar o amor vivendo com HIV/AIDS.

Todas as entrevistas foram realizadas à distância, pois a matéria foi construída já no cenário da pandemia da Covid-19.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revista PÚRPURA nasceu do desejo de três amigos de contar histórias que inspiram, representam e emocionam. Ainda que com histórias e caminhos muitos diferentes, ao longo dos anos descobrimos inquietações e motivações que nos atravessam de maneira muito sensível e profunda. A cada passo no caminho de construção da revista, todo o processo tornou-se um ciclo de aprendizados imensuráveis que fizeram de cada um de nós melhores comunicadores, leitores e, principalmente, melhores pessoas. Desde que nos conhecemos, partilhamos do desejo por retratar vivências no jornalismo que ultrapassam a utilidade pública propriamente dita, e sempre buscamos, em todas as oportunidades que tivemos, proporcionar lugares de identificação e representatividade no fazer jornalístico.

A PÚRPURA tornou-se a reunião de todos os desejos e projetos que tivemos ao longo dos anos de graduação, representando tudo aquilo que acreditamos enquanto comunicadores. Cada história retratada em suas páginas carrega consigo o sentimento de extremo respeito e carinho com que nos propusemos a ouví-la. A Edição Zero da Revista PÚRPURA é o pontapé inicial do que pode vir a se tornar o projeto das nossas vidas. Acreditamos que cada uma das reflexões que propusemos pode se tornar uma importante ferramenta em um movimento de mudança na maneira como a comunidade LGBTQIA+ é ouvida, vista e retratada.

Neste momento, gostaríamos de agradecer, do fundo do coração, a cada pessoa que se dispôs a nos contar sua história. Muito mais que texto em um produto jornalístico, suas vidas, conquistas, desejos, esperanças, medos e angústias fizeram com que nos tornássemos pessoas melhores, e sem dúvida farão o mesmo por todos aqueles que se propuserem a lê-las e senti-las.

Finalizamos este projeto com o desejo de que todas as vivências que a PÚRPURA apresenta aos nossos leitores possam servir como agentes catalisadores na mudança como enxergamos as vidas de pessoas LGBTQIA+, proporcionando reflexão, identificação e, principalmente, admiração. São histórias inspiradoras, fortes e muito potentes que, cada uma à sua maneira, têm o poder de mudar o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A troubling event in The Examiner's history: Friday of the Purple Hand. **San Francisco Examiner.** Disponível em <https://www.sfexaminer.com/opinion/a-troubling-event-in-the-examiners-history-friday-of-the-purple-hand/> Acesso em 12 de março de 2021

ALI; Fatima. **A arte de editar revistas.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Imagem.** Porto Alegre: Bookman, 2009

ARAGÃO, Isabella; CARVALHO, Juliana. **Infografia:** Conceito e Prática. InfoDesig, São Paulo, v.9, n. 3, p. 160-177, Maio, 2012. Disponível em <https://infodesign.emnuvens.com.br/infodesign/article/view/136>. Acesso em 13 de abril de 2021.

ARCANJO, Fábio. **"Lampião da Esquina"**: um veículo jornalístico voltado para o público gay masculino analisado à luz da teoria semiolinguística. Ininga, Piauí, v.5, n.1, p. 35-49, Junho, 2018. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/ininga/article/view/7115> Acesso em 13 de abril de 2021.

BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius. **Mas, por que rosa?** Aspectos históricos e artísticos do uso generificado da cor rosa. In: Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, 8., 2019, Canoas. Disponível em <https://www.2019.sbece.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNDoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUlFVSVZPIjtzOjM6Ijk3NCI7fSI7czoxOiJoIjtzOjMyOiJmZmI3Mzk2YWJjOWYwNjkxMzc3ZDYwNzEyYWJhYjkyYyI7fQ%3D%3D> Acesso em 13 de fevereiro de 2021

CARVALHO, Ana Catarina Monteiro. **A assexualidade e a orientação romântica**: Estudo comparativo entre o grupo assexual romântico e o grupo assexual arromântico [Dissertação de mestrado, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/19305> Acesso em 15 de março de 2021

COLLING, Leandro. **Personagens homossexuais nas telenovelas da rede globo**: criminosos, afetados e heterossexualizados. Gênero, Bahia, v.8, n.1, p. 207-222, Julho, 2007. Como a revolta de Stonewall, em 1969, empoderou o ativismo LGBT para sempre. Hypeness. Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2018/06/como-as-revoltas-de-stonewall-na-ny-de-1969-empoderou-o-ativismo-lgbt-para-sempre/> Acesso em 15 de março de 2021.

Como e porque nasceu a bandeira do arco-íris do movimento LGBT e o que Harvey Milk tem a ver com isso. **Hypeness**. Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2019/07/como-e-porque-nasceu-a-bandeira-arco-iris-do-movimento-lgbtq-e-o-que-harvey-milk-tem-a-ver-com-isso/> Acesso em 13 de fevereiro de 2021.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2012. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989> Acesso em 25 de março de 2021.

DOS REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045>. Acesso em 12 de março de 2021.

Edição 172 - **Revista Tpm**. Revista Trip. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/revista/tpm/172> Acesso em 14 de fevereiro de 2021

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinha. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Editora Edgard Blücher LTDA, 2006

FIUZA, Beatriz; PARENTE, Cristina. **O conceito de ensaio fotográfico**. Londrina: 2008

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. **Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.12, n.2, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/214/353> Acesso em 15 de novembro de 2019.

Levante ao Ferro's Bar: o Stonewall brasileiro. **Aventuras na História**. Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/levante-ao-ferros-bar-o-stonewall-brasileiro.phtml> Acesso em 12 de março de 2021.

Levante de lésbicas no Ferro's Bar, em 1983, que deu origem ao Dia do Orgulho Lésbico, no Brasil. **Revista Híbrida**. Disponível em <https://revistahibrida.com.br/2020/08/27/qual-a-diferenca-entre-os-dias-do-orgulho-e-da-visibilidade-lesbica/capaferroshd78c_widexl/> Acesso em 12 de março de 2021.

LISSA, Bárbara; FERNANDES, Bruna; RODRIGUES, Rita. **Boletim ChanacomChana e a transformação do silêncio em linguagem e em ação**: ativismo lésbico-feminista na imprensa independente. Signo, Santa Cruz do Sul, v.45, n.84, p. 74-90, Dezembro 2020. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/15500> Acesso em 14 de abril de 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**: guia para designers, escritores, editores e estudantes. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MACHADO, Paula Sandrine. **Intersexualidade e o "Consenso de Chicago"**: as vicissitudes da nomenclatura e suas implicações regulatórias. Revista Brasileira de Ciências Sociais,

23(68), 109-123. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092008000300008> Acesso em 23 de março de 2021.

Meet the Transgender Man Leading the Men's Health Cover Contest. **Time**. Disponível em <https://time.com/3827293/trans-man-mens-health-cover/> Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

MUNHOZ, Lysiane. **Jornalismo humanizado e a construção de sentidos da adoção em série de reportagens do jornal nacional.** Orientador: Sean Hagen. 2017. 87f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/177683> Acesso em 12 de abril 2021.

O que foi a Rebelião de Stonewall? **Super Interessante**. Disponível em <https://super.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-rebeliao-de-stonewall/> Acesso em 15 de março de 2021.

PAVONI, Marcela Santana. **Aspectos e significados de psicólogas e psicólogos frente às questões da bissexualidade**. V Encontro Científico e Simpósio de Educação Unisalesiano. Lins - SP. Disponível em <http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2015/publicado/artigo0111.pdf> Acesso em 15 de março de 2021

REIS, Toni, org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. ISBN: 978-85-66278-11-8
Revista Brasileira de Epidemiologia, vol. 23. Rio de Janeiro, 2020 - Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1> Acesso em 12 de março de 2021.

Revolta de Stonewall: tudo sobre o levante que deu início ao movimento LGBT+**. Revista Galileu**. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/06/revolta-de-stonewall-tudo-sobre-o-levante-que-deu-inicio-ao-movimento-lgbt.html> Acesso em 15 de março de 2021.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 298, jan./abr. 2011. Editora UFPR

RODRIGUES, Carla. **Performance, gênero, linguagem e alteridade**: J. Butler leitora de J. Derrida. Sex., Salud Soc. 2012, n.10, pp.140-164. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872012000400007&lng=en&nrm=iso> Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

SAMARA, Timothy. Grid: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007
SILVA, Alexandre; ARAÚJO, André; ABREU, Luis. **Do perfil jornalístico à escrita biográfica**: vida em detalhes. Contemporânea, Porto Alegre, v.14, n. 1, p. 55-71, Janeiro, 2016. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13845> . Acesso em 13 de abril de. 2021.

SILVA, Rafael S. Zonas de visualização. In: SILVA, Rafael. **Diagramação**: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985

TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. São Paulo: Penso Editora LTDA, 2013

TEIXEIRA, Tatianna. **Infografia e jornalismo**: conceitos, análises e perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2010.

TONIETTE, Marcelo Augusto. **Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade**. Revista Brasileira De Sexualidade Humana. Disponível em <https://doi.org/10.35919/rbsh.v17i1.443> Acesso em 15 de fevereiro de 2021

ARAM, André. **Vote LGBTQ**: Uma conversa com Renan Quinalha sobre como a eleição pode mudar o Brasil. Site Gay Blog, 2020. Disponível em <https://gay.blog.br/entrevistas/vote-lgbt-uma-conversa-com-renan-quinalha-sobre-como-eleger-gays-pode-mudar-o-brasil/> Acesso em 20 de fevereiro de 2021.